

SARTE

Engenharia S.A.

25 anos construindo comunidades

- 8500 residências
- 40 escolas e universidades
- edifícios públicos
- igrejas
- postos de saúde
- estação rodoviária
- praças e ruas
- cinema e clubes
- indústrias
- hotel

**a tudo isto chamamos
“cidade sarte”
onde vivem
e trabalham 50.000
pessoas.**

Rua Dr. Julio Otoni, 571 – CEP 20241 – Rio de Janeiro – RJ.
Tels.: 205-9247 / 205-9294 / 205-9194 / 205-9645

edição especial

**VIII encontro
latino-americano
movimento
familiar cristão**

**fato⁸
e razão**

recado ao leitor

Você tem, em suas mãos, um número especial da sua revista.

Toda ela inspirada em dois acontecimentos significativos, que trazem a família para o centro das preocupações de todos, neste complicado mundo em que estamos vivendo.

O primeiro desses acontecimentos foi o VIII Encontro Latino-Americano do Movimento Familiar Cristão, apontando pistas para uma profunda reformulação da pastoral familiar, vinculada às exigências de mudanças de estruturas de injustiça e opressão, a que estão sujeitas as famílias neste Continente.

O segundo acontecimento foi o Sínodo Mundial dos Bispos, sobre as funções da família cristã no mundo atual.

Centrado neste tema, este número de FATO tem uma destinação especial: facilitar a todos os que participam de movimentos familiares, uma revisão de seus métodos e instrumentos de atuação, frente aos novos desafios da realidade do mundo atual.

Para isso, reproduzimos os textos e o esquema geral do Encontro do MFC, para um trabalho sério de revisão que pode ser realizado não só pelos grupos do próprio MFC mas por todos os movimentos familiares, ligados por aquela preocupação comum: a família.

É o que os editores da sua revista esperam, com justificável otimismo, caro leitor.

S. & H.A.

fato

e razão



Edição Movimento Familiar Cristão

Equipe de Redação deste número

José e Beatriz Reis
Selma e Hélio Amorim

Realização

CONDIN — Conselho Diretor Nacional
Itamar e Neide Bonfatti
Pedro e July Roumíe
Carlos e Magda Hita
Humberto e Olívia Mazzolli

Coordenação de Editoria

SENFOR — Secretariado Nacional de Formação — MFC
Rua Des. Saul de Gusmão, 80 / VIII — 22600 — Rio de Janeiro — RJ.

Responsáveis por esta edição

Renato e Ana Maria Tepedino

Arte e Diagramação

Maria Cristina de Amorim Gonçalves

Composição

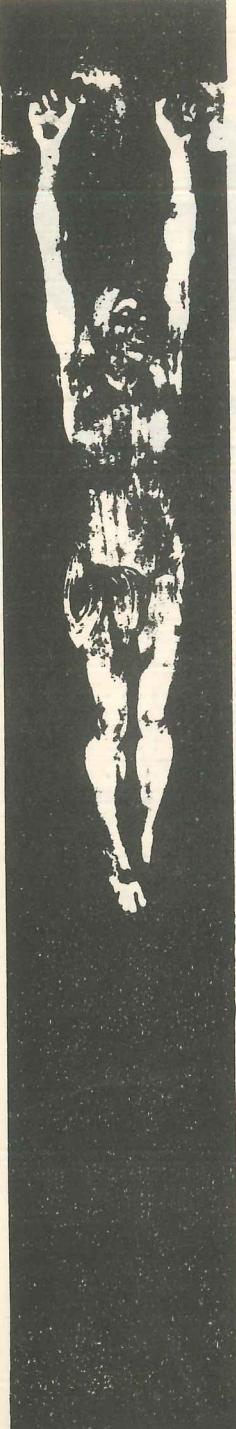
Sônia Moreira Bernardo

Produção Gráfica

Armando Amorim Publicidade
Av. Pres. Vargas, 590 - s/2106 — Rio

SUMÁRIO

a igreja do futuro	2
para que serve a família	3
a família hoje	4
aqui se formam pessoas	7
aqui se aprende o amor e a justiça	10
aqui se aprende a servir	14
aqui se cresce no conhecimento de Deus	17
aqui se forja o inconformismo ante estruturas injustas	21
a utopia cristã	24
caminhos claros	25
missão profética: anúncio e denúncia	26
o desafio da austeridade	29
a verdadeira libertação	33
ver, julgar e... agir!	35
a igreja doméstica	38
as opções do mfc	41
a base teológica	42
a missão da família	45
a promoção da justiça	48
comunidades familiares	51
o mfc quer reproduzir, nas bases, o VIII encontro latino-americano roteiro	54
o saldo da visita	57
roteiro para reuniões de equipes	61
quanto ganha você?	72



a igreja do futuro

Cardeal F. Koenig

Ano 2000! Qual será o aspecto da Igreja? Não o sabemos. Mas nossa fé e nossas experiências nos permitem um certo número de dados.

A Igreja do futuro, em muitos domínios, será mais honesta e mais simples; professará a fé sem grandes frases, não julgará nem decidirá sobre "tudo", quando não for competente. Teremos uma religião de liberdade, que não limitará as características particulares do homem, porque, onde opera o Espírito do Senhor, aí está a liberdade. Diante das pressões da opinião pública, em face das manipulações feitas com a ajuda dos meios de comunicação social, a Igreja se colocará à disposição da liberdade, para defender os direitos humanos.

A Igreja do porvir será aberta sobre a condição humana. Mais claramente que no passado, verá o homem em todas as suas dimensões, inclusive a corporal; verá nele grandeza e fragilidade, como um ser sempre a caminho. A Igreja de amanhã poderá discernir melhor o que é essencial do que é acidental. Tomará maior consciência de sua missão profética. O Cristo não a fundou para dizer sempre "Amém", mas para ser sinal de contradição. Não será a Igreja das grandes demonstrações, mas das pequenas comunidades, que se engajarão numa renovação contínua.

A Igreja do porvir se empenhará ardente mente do domínio ecumênico para atingir a unidade, conforme as palavras de adeus do Cristo. Não suprimirá os conflitos, mas saberá conviver com eles, porque compreenderá que estes fazem parte da vida. Tendo confiança em Deus, saberá separar o joio do trigo.

Acreditamos na Igreja do futuro porque temos fé na Providência que conduz os homens. A fé é a virtude mais profunda; o amor a virtude maior e a esperança a virtude mais próxima de nossas aspirações, da nossa pequenê e do nosso sofrimento humano. Devemos ter confiança. O futuro da Igreja é o futuro do homem. Deus lançou os homens em direção ao por-vir. E lançou a Igreja, que é o porvir do homem, para uma nova era de justiça e paz.



para que serve a família?

Selma e Helio Amorim

Sob este título amplo, apresentamos uma seqüência de artigos que vão abordar a questão das funções familiares no mundo atual.

A leitura atenta desta seqüência de textos deverá ajudar a compreender melhor a origem da crise da família, os riscos e esperanças que estão no bojo desta crise e os caminhos possíveis para a assimilação construtiva de seus efeitos.

Será, ao mesmo tempo, um bom exercício de reconhecimento das verdadeiras aspirações, carências e expectativas das famílias concretas que vivem neste Continente.

E as razões das suas esperanças, que sobrevivem frente a um ambiente hostil e desagregador.

Ao mesmo tempo, este estudo nos interpela.

Somos simples espectadores passivos desse processo que vive a família? Aceitamos um determinismo histórico que não depende de nossa vontade e tornaria inócuas qualquer tentativa de ação?

Parece-nos que esta não pode ser a perspectiva cristã.

Somos sujeitos da história e não podemos minimizar os efeitos de nossa atuação sobre o curso dos acontecimentos.

Especialmente se aprendemos a exercer uma ação organizada, permanente e persistente, que persiga transformações pessoais e estruturais, para a construção de homens novos e de um mundo mais justo.

FUNÇÕES DA FAMÍLIA

a família hoje.



Sem pretender apresentar uma rígida e exaustiva relação de "direitos e deveres" das famílias cristãs no mundo atual, esta reflexão se propõe a identificar algumas de suas funções que se destacam por sua universalidade e, especialmente, por parecerem atribuições inalienáveis do grupo familiar que percebe o mundo através da perspectiva evangélica, numa visão de Fé.

Estas funções não são exclusivas da família cristã, o que justifica a consideração de universalidade que lhes atribuimos.

Entretanto, numa perspectiva de Fé cristã, tais responsabilidades e atribuições próprias da família são vividas numa dimensão que ultrapassa a simples

sensibilidade humanística presente em tantos de nossos irmãos que não comungam a nossa Fé e, no entanto, não poucas vezes se tornam verdadeiros exemplos para os cristãos.

Por esse motivo, ao enunciarmos essas funções, teremos presentes, em nossas preocupações, todas as famílias que desenvolvem seus esforços para bem desempenhá-las; famílias reais e concretas, independentemente de sua Fé; embora procuremos ressaltar a dimensão mais exigente e transcendente das motivações que devem impulsivar, de maneira especial, as famílias às quais Deus concedeu o dom da Fé e pelas quais este dom foi acolhido com sinceridade e firmeza.

UMA ADVERTÊNCIA ESSENCIAL

Não podemos desconhecer, com tristeza, nem deixar de denunciar, que a maior parte das famílias, em todo o mundo, vivem em condições tais que se vêm ante graves dificuldades, e mesmo impossibilidade, tantas vezes, de exercer as funções que lhes são próprias e, de certa forma, intransferíveis, uma vez que dificilmente seriam bem exercidas, em sua desejada plenitude, por outros grupos ou estruturas sociais que muitas vezes procuram substituí-las. Estas situações configuram uma afronta à dignidade da pessoa humana e do homem constituído em família; e estão em grave contradição com as exigências evangélicas de justiça e amor, pelo que devem ser severamente condenadas por todos os cristãos dispostos a viver autenticamente o seu compromisso no mundo:

- Famílias condenadas à luta diária e sem tréguas pela simples sobrevivência biológica, convivendo com a sub-nutrição, a doença, o analfabetismo; vivendo em condições sub-humanas de habitação e trabalho, condenadas a migrações forçadas que as desagregam; expulsas de suas terras ou atingidas por guerras e calamidades que produzem impressionantes e tristíssimas consequências e, muitas vezes, a morte de imensos contingentes humanos pela fome que resulta dessas situações de gritante injustiça.

- Famílias submetidas a regimes políticos que não respeitam os direitos humanos e as prerrogativas da família; tanto aqueles que as mantêm intimidadas por formas odiosas de repressão e controle, inspiradas em ideologias de segurança nacional, ou na supremacia dos interesses do Estado sobre os das pessoas, como aqueles que transferem ao Estado, por razões ideo-

lógicas, atribuições da família, com o objetivo de imprimir um caráter à formação de seus membros, conforme os interesses da ideologia dominante, geralmente materialista, na tentativa de interromper a transmissão de valores cristãos que pudessem constituir-se em ameaça à estabilidade do sistema político que pretendem instituir ou manter, contra a verdadeira vontade e autênticas aspirações dos cidadãos.

- Famílias incompletas, seja pela falta do pai ou da mãe, por morte, migrações forçadas ou abandono do lar; seja por falta do vínculo afetivo que daria a necessária coesão ao grupo — incompletudes essas que tornam mais difícil, tantas vezes, o exercício pleno das funções familiares, pelas pressões psicológicas, espirituais e materiais produzidas por estas dolorosas situações.

- Muitas outras situações poderiam ser alinhadas neste rol de dificuldades em que se vêm tolhidas tantas famílias que desejariam desempenhar as funções que sentem como suas, sem conseguí-lo na medida desejada ou, mesmo, sentindo a sofrida frustração de fracasso por sua impotência ante a grandeza dos obstáculos que se antepõem às suas intenções.

UMA PALAVRA DE ESPERANÇA

Não obstante tantas dificuldades que enfrentam a maioria das famílias, suas funções essenciais são quase sempre exercidas, ainda que de modo imperfeito; muitas vezes nem mesmo percebidos os seus efeitos, que só a longo prazo podem produzir frutos tantas vezes inesperados. Isto porque a Graça atua nas relações familiares, ajudando os que dão tudo de si — ainda que pareçam intransponíveis as dificuldades que impedem o exer-

cício de suas funções básicas – de modo a tornar sempre fecunda a vida familiar pela riqueza própria e peculiar das relações que se estabelecem às vezes inconscientemente, muitas vezes misteriosamente, como verdadeiro sacramento da vida inter-trinitária; reflexo da presença do Deus Trindade em cada família que vive os valores cristãos da fidelidade, da solidariedade, do amor, da justiça e do serviço fraterno a todos os homens.

FUNÇÕES ESSENCIAIS DA FAMÍLIA

Na tentativa de identificar e destacar as funções da família, que parecem apresentar características de universalidade, e sem a pretensão de esgotar as potencialidades do papel das famílias no mundo, poderíamos desdobrá-las nos seguintes aspectos ou objetivos funcionais, que as famílias procuram realizar em diferentes graus, correspondentes aos níveis de dificuldades, limitações e conscientização com que se apresentam; e conforme o grau de maturidade na Fé que tenham atingido, na medida em que esta é capaz de iluminar os caminhos que se abrem à sua plena realização como famílias cristãs:

- A função de personalização: família formadora de pessoas.
- A função afetiva: família, primeira

- escola do amor fundado na justiça.
- A função comunitária: família formadora do espírito comunitário, de entre-ajuda e de solidariedades ampliadas.
- A função de transmissão da Fé: família capaz de educar na Fé e alimentar, em seus membros, o impulso de auto-transcendência, inscrito por Deus no coração dos homens.
- A função de promotora do desenvolvimento: a família atuante na comunidade e nas estruturas sociais intermediárias, comprometida na transformação das estruturas de injustiça e opressão e de tudo que agride a dignidade inalienável do homem, criado à imagem e semelhança de Deus.

Ao procurar delinear as diferentes maneiras com que as famílias concretas buscam desempenhar-se, conscientemente ou não, dessas funções, de acordo com suas possibilidades e limitações já anteriormente mencionadas, não deixaremos de alinhar os obstáculos que se interpõem entre as famílias e os objetivos e intenções que as animam, denunciando com firmeza as relações de injustiça entre os homens, os grupos sociais, as nações e todas as formas de opressão que sujeitam a maioria das famílias, impedidas, assim, tantas vezes, de serem realmente famílias.

-
- **QUE RESPONSABILIDADES NOS CABEM DIANTE DESTE QUADRO?**
 - **QUE AÇÕES CONCRETAS PODEMOS REALIZAR, PARA QUE AS FAMÍLIAS POSSAM MELHOR EXERCER SUAS FUNÇÕES BÁSICAS?**
 - **O QUE PODEMOS ACRESCENTAR A ESTE DIAGNÓSTICO?**
 - **QUE PERSPECTIVAS SE ABREM ÀS FAMÍLIAS NESTE MUNDO EM RÁPIDAS TRANSFORMAÇÕES?**

I – FUNÇÃO DE PERSONALIZAÇÃO



**aqui
se formam
pessoas**

FAMÍLIA FORMADORA DE PESSOAS

É na teia de relações familiares que se desenvolve o processo de maturação da personalidade de seus membros; é inegável sua marcante influência na formação das personalidades de cada um, influência que atua não somente de parte dos pais sobre os filhos, mas destes sobre aqueles, e dos esposos entre si; isto traduz a função de personalização da família, já que por esse dinamismo de relações interpessoais, formam-se pessoas que devem se realizar

plenamente como tal, na medida em que desenvolvem a liberdade, a consciência e a responsabilidade.

Esta função, portanto, não se reduz à procriação biológica, embora esta seja um aspecto do casamento. Apenas não se esgota na procriação a função de personalização da família, que deve ser capaz de criar vida, mesmo quando impossibilitada de procriar.

Hoje, a Igreja conclama os pais ao exercício de uma paternidade responsável que deve levá-los a um planejamento generoso, mas limitado, entre

tanto, às suas possibilidades de ajudar efetivamente cada filho a ser verdadeiramente uma pessoa humana, livre, consciente e responsável; o que supõe um mínimo de condições espirituais, psíquicas e materiais capazes de assegurar o ambiente propício para que este objetivo seja atingido.

Assim, a função de personalização da família inclui mas ultrapassa amplamente a simples procriação; e se exerce através de todos os atos, gestos, iniciativas, atitudes e relações próprias do dinamismo familiar, e dos quais resulte o crescimento de seus membros como pessoas humanas; e, ainda, quando, por seu exemplo ou por ajudas concretas e seu espírito fraterno de serviço, a família contribui de alguma forma para que outras famílias passem de condições menos humanas para condições mais humanas de vida.

A FUNÇÃO PERSONALISTA NUMA PERSPECTIVA DE FÉ CRISTÃ

Para a família cristã, a função de personalização se apresenta como um desafio mais exigente, ante as graves interpelações do Evangelho a respeito da dignidade inalienável da pessoa humana, feita "à imagem e semelhança de Deus".

Ora, toda e qualquer forma de dominação ou redução do outro, toda tentativa de opressão e discriminação, ferem gravemente aquela dignidade própria dos filhos de Deus, e agridem os mais elementares direitos humanos — fatos e atitudes freqüentes nas relações familiares, quando a "imagem e semelhança" não são claramente entendidas e aceitas, até mesmo por famílias que se pretendem cristãs.

Assim, no exercício da função de personalização, numa visão de Fé cris-

tã, a família deverá respeitar criteriosamente, nas relações entre seus membros, a dignidade indelevelmente inscrita pelo criador em cada pessoa humana, superando todas as formas, ostensivas ou sutis de dominação.

Esse respeito à dignidade da pessoa do outro supõe reciprocidade, e é devida pelos filhos em relação aos pais, pelos pais em relação aos filhos, entre esposos, entre irmãos e parentes, naturalmente incluídas as pessoas que por qualquer circunstância se agregam ou as que prestam serviços à família e, como tal, devem sentir integradas na teia de relações pessoais vividas no seu interior.

Mas não se limitam tais exigências às relações intra-familiares. Para a família cristã, a aceitação da revelação da filiação divina leva à compreensão de sermos todos irmãos, iguais em dignidade e em direito a uma vida digna.

Por isso, ao aceitar o mandamento divino: "Sede fecundos" — a família cristã aceita implicitamente a responsabilidade de tudo fazer para que todas as famílias possam passar de condições menos humanas para condições mais humanas de vida, de modo que seus membros sejam capazes de se realizarem mais plenamente como pessoas humanas. Esta é uma forma particularmente exigente de exercício desta função, que supõe uma forte consciência e sensibilidade sociais, bem como um nível significativo de maturidade na fé.

Não podemos perder de vista, entretanto, as grandes dificuldades que enfrentam as famílias concretas, para viver seu compromisso cristão no mundo.

É entre êxitos e fracassos, conscientes de suas limitações e imperfeições, que as famílias cristãs procuram se

esforçar em viver esse compromisso de fecundidade, pelo exercício de sua função de personalização, tendo que enfrentar e vencer, no cotidiano da vida familiar, a tentação do desânimo frente às dimensões dos obstáculos que a desafiam, e ao aparente fracasso de tão bem intencionados esforços.

A esperança cristã deve então se fazer presente; não para acomodar e levar à fuga ao compromisso, mas para animar continuamente cada família a persistir no esforço de criar vida, formar pessoas e levar outras famílias a se realizarem sempre mais plenamente como tais.

DIFICULDADES QUE ENFRENTAM AS FAMÍLIAS PARA O EXERCÍCIO DESTA FUNÇÃO

A maioria das famílias, no mundo atual, vivem em condições precárias, muitas vezes sub-humanas, quanto a habitação, saúde e condições de trabalho, faltando-lhes um mínimo de tempo e espaço físico adequado para manterem um relacionamento familiar denso e fecundo, favorável ao processo de intercâmbio de experiências, de diálogo construtivo, que contribuam para o desenvolvimento equilibrado da personalidade, em processo de maturação.

Por outro lado, em muitas sociedades de abundância material, onde não se verificam aquelas carências que predominam na maioria dos países, desenvolvem-se mecanismos de alienação

que retardam ou impedem o desenvolvimento da consciência, levam a fuga à responsabilidade, e suprimem a liberdade, escravizando muitos homens à busca desenfreada e angustiante de posse de bens materiais, do conforto, do poder — resultando o quadro freqüentemente descrito vivamente através dos meios de comunicação, em que aparece, em expansão, o alcoolismo, o uso de tóxicos, a prática sexual sem integridade, a violência gratuita, o tédio e o desespero.

Não podemos deixar de denunciar a injustiça presente nessas situações, seja a que produz a marginalização de tantos, dos benefícios do progresso e da civilização, seja a que alimenta aqueles outros mecanismos de alienação, por interesses comerciais, ou por intenções ideológicas de sistemas políticos interessados em manter a atenção do povo afastada dos problemas e injustiças que cometem para manterem o poder, tantas vezes ilegitimamente conquistado.

Muitas outras dificuldades poderiam ser apontadas, e que igualmente conspiram contra o exercício da função de personalização da família. Todas elas, uma vez identificadas, devem ser severamente denunciadas pelos cristãos e todos os homens de bem, por frustrarem o exercício de uma função essencial e intransferível da família, com consequências graves e geralmente irreparáveis para tantos.

-
- QUE RESPONSABILIDADES NOS CABEM DIANTE DESTE QUADRO?
 - QUE AÇÕES CONCRETAS PODEMOS REALIZAR, PARA QUE AS FAMÍLIAS POSSAM MELHOR EXERCER SUAS FUNÇÕES BÁSICAS?
 - O QUE PODEMOS ACRESCENTAR A ESTE DIAGNÓSTICO?
 - QUE PERSPECTIVAS SE ABREM ÀS FAMÍLIAS NESTE MUNDO EM RÁPIDAS TRANSFORMAÇÕES?

aqui se aprende o amor e a justiça

FAMÍLIA, ESCOLA DE AMOR, FUN- DADO NA JUSTIÇA

Mesmo para não-cristãos, "o amor é a única resposta para o problema da existência humana". (E. Fromm)

No mundo atual, temos que reconhecer que ainda predominam, nas relações humanas, o desamor e competição.

Embora se multipliquem sinais de presença do Reino de Deus, percebidos em relações fraternas entre pessoas, em comunidades nas quais se procura viver o espírito de verdadeira justiça e ajuda mútua, não só entre os que foram atingidos pelo anúncio da Boa Nova, mas por muitos que não conhecem, ainda, a mensagem de Jesus Cristo, não podemos deixar de constatar que estão longe de predominar tais formas de relações entre os homens, no mundo atual.

Assim, o envolvimento das pessoas em relações simplesmente funcionais, marcadas pelo espírito de selvagem competição, de dominação-dependência, de opressão e discriminações de variados matizes, dificulta a descoberta

ta de que somente o amor liberta e responde a aspirações profundas inscritas por Deus no coração dos homens.

Esta possibilidade de descoberta o homem pode e deve encontrar na vivência das relações familiares, nas quais ele descobrirá o modelo justo para as relações extra-familiares.

Não é preciso destacar o conjunto de condições favoráveis que se podem encontrar nas famílias para o estabelecimento de uma teia de relações pessoais fundadas no amor e na justiça. Os laços pessoais que se estabelecem, a partir do casamento, a partir do nascimento dos filhos, e que se sedimentam e consolidam ao longo de muitos anos, dão às relações inter-familiares uma dimensão e possibilidades que dificilmente se encontrariam em outros tipos de relações.

Entretanto, tais potencialidades da família, muito freqüentemente são frustradas e neutralizadas pelas pressões do meio ambiente que se exercem sobre ela, produzindo tamanhas cargas psicológicas, angústias e ansiedades, impaciência e fechamento, as-

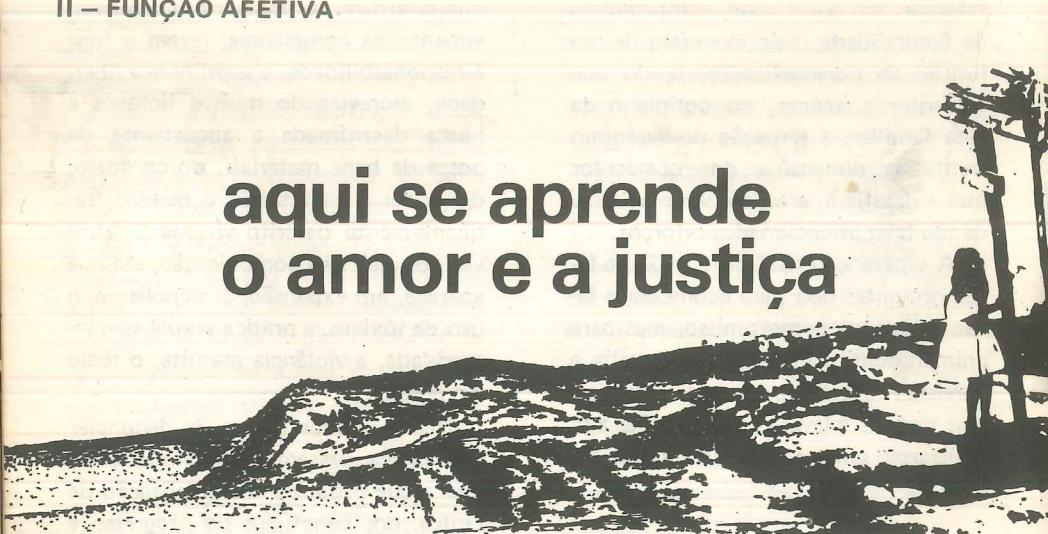
pirações artificialmente criadas e frustrações delas decorrentes, e tantos outros efeitos das relações despersonalizantes vividas fora do âmbito familiar, que passam a se reproduzir, no seu interior, os modelos de relações vividas fora dele.

E vemos, assim, com tristeza, que longe de ser o grupo ideal para que o homem descobrisse suas possibilidades de amar e de encontrar respostas aos seus mais profundos impulsos de relações inter-pessoais autênticas, grande número de famílias, condicionadas por irresistíveis pressões externas, reduzem-se a meros grupos funcionais, limitados a assegurar um local de repouso, quando isso ainda é possível, e um mínimo de relações apenas funcionais, para uma distribuição de papéis que facilite a satisfação de algumas necessidades físicas de seus membros; o que também se torna cada vez mais difícil para a maior parte das famílias, numa situação de crescente miséria na maioria dos países do mundo subdesenvolvido.

Temos que reconhecer, assim, que

as relações intra-familiares são muito mais produto do tipo de relações que predominam no mundo exterior do que definidoras destas. Isto quer dizer que não basta tentar preparar as famílias para viverem uma forma de relações afetivas, personalizantes, para assim transformar a sociedade. É necessário e urgente desencadear profundas, audaciosas e inovadoras transformações estruturais na sociedade para que se neutralizem ou atenuem as pressões desagregadoras e desumanizantes que ela exerce sobre as famílias, presas fáceis e vulneráveis dessas influências.

Entretanto, ainda que sujeitas ao fantasma da miséria, vivendo a angústia da insegurança do futuro, e enfrentando privações que se constituem em surda denúncia da situação de pecado estrutural antes referida, muitas famílias conseguem resguardar, ainda que imperfeitamente, o tempo e lugar simbólicos de encontro interpessoal de amor, de solidariedade e entre-ajuda, no ambiente familiar, que, para a maioria, tem, como triste moldura fí-





sica, uma precária habitação que nem sempre merece sequer esta designação.

Por outro lado, em muitas famílias economicamente privilegiadas, e também sujeitas a pressões externas desagregadoras, vemos se reproduzirem igualmente, no seu interior, os modelos de relações de competição e de desamor que predominam no ambiente exterior. Isto significa que não basta a satisfação de necessidades materiais para que a família seja capaz de estabelecer aquele modelo de relações interpessoais de amor, resposta aos anseios de seus membros. Os esforços dos cristãos e de todos os homens de boa vontade, sem deixar de lado as diversas formas de apoio às famílias que tão bons resultados vem produzindo, deverão se concentrar especialmente nas tentativas organizadas de transformações sociais que suprimam os condicionamentos que neutralizam as potencialidades das famílias para o exercício de sua função afetiva.

A FUNÇÃO AFETIVA NUMA PERSPECTIVA DE FÉ CRISTÃ

Para o cristão, o amor não é apenas "a resposta para o problema da existência humana", mas sinal de que o Reino de Deus já existe desde aqui e agora. Deus é amor. O amor responde,

assim, ao impulso de auto-transcendência inscrito no homem.

Mas o amor, segundo a perspectiva evangélica é extremamente exigente: amor-doação, amor de oblação. É ser capaz "de dar a vida pelo irmão". É amar o amigo e o inimigo. É o amor fraterno, aberto para todos os homens.

O amor conjugal ou parental, são aspectos particulares e muito especiais do amor fraterno; são as formas de amor que predominam nas relações familiares. Mas é falso o amor que se reduz àqueles aspectos particulares do amor fraterno ampliado. Pode se reduzir a uma forma de egoísmo conjugal ou grupal se exclui o amor a todos os homens.

É para este amor ampliado que a família cristã deve aprender a formar seus membros.

A forma particular e especialmente enriquecedora do amor que se pode viver nas relações mais pessoais que tem na família um espaço privilegiado, deve ser o impulso modelar para que seus membros vivam o amor fraterno no mundo como sinal, fermento e sal que transformam as relações de dominação e competição predominantes, e que o cristão nunca deixará de denunciar como contrárias às interpelações do Evangelho.

DIFICULDADES QUE ENCONTRAM AS FAMÍLIAS PARA O EXERCÍCIO DESTA FUNÇÃO

Além das inúmeras dificuldades que já foram apontadas, é preciso destacar, ainda, outras pressões a que estão sujeitas as famílias, em suas tentativas de bem desempenhar esta missão.

São, de um lado, as formas falsas de amor, amplamente difundidas pelos meios de comunicação social, tão distantes da visão cristã do amor fraterno e de suas expressões particulares como devem ser vividas na família.

Tantas vezes se apresentam, como amor, formas de erotismo esvaziado de seu conteúdo personalista; relações superficiais e infantis de sentimentalismo; o "amor-livre" que em nada se assemelha à liberação pelo amor mas uma forma peculiar de egoísmo, sem integridade afetiva; e tantas outras pretensas expressões de amor que não são amor verdadeiro e adulto.

A penetração de tais idéias na mente de tantas pessoas, dificulta a formação para o amor, que tantas famílias procuram facilitar através do relacionamento que vivem, muitas vezes inspirado pelo Evangelho.

Por outro lado, depois de tantas guerras que difundiram o ódio e alimentaram paixões desordenadas, vemos persistirem formas variadas de sistemas e ideologias que alimentam esse

mesmo ódio que, não raro, se manifesta em formas intoleráveis de violência e contra-violência.

Geralmente, a violência fundamental é a institucionalizada, nos regimes de força, e nos sistemas políticos calados na iniquidade básica que produz a marginalização de grandes contingentes humanos, condenados à miséria e às mais dolorosas privações. Tais situações produzem, naturalmente, formas de reações muitas vezes violentas — contra a violência institucionalizada, esta muito mais feroz e odiosa que as reações que algumas vezes se produzem contra ela. Os sistemas que protegem as instituições respondem, habitualmente, de forma ainda mais violenta, através de mecanismos de repressão, com todas as suas sequelas que os cristãos não cessam de denunciar, e que tem sido objeto de não poucos e corajosos documentos da hierarquia da Igreja, em todo o mundo.

O clima gerado por estas situações, alimentando o ódio entre pessoas, entre grupos e classes sociais, entre partidos políticos e ideologias, constitui mais uma dificuldade para o exercício da função afetiva, produzindo o ceticismo, especialmente entre os jovens, quanto à possibilidade do surgimento de modelos alternativos do convívio entre os homens, fundados na fraternidade e na solidariedade.

-
- QUE RESPONSABILIDADES NOS CABEM DIANTE DESTE QUADRO?
 - QUE AÇÕES CONCRETAS PODEMOS REALIZAR, PARA QUE AS FAMÍLIAS POSSAM MELHOR EXERCER SUAS FUNÇÕES BÁSICAS?
 - O QUE PODEMOS ACRESCENTAR A ESTE DIAGNÓSTICO?
 - QUE PERSPECTIVAS SE ABREM ÀS FAMÍLIAS NESTE MUNDO EM RÁPIDAS TRANSFORMAÇÕES?

aqui se aprende a servir

FAMÍLIA, FORMADORA DO ESPÍRITO COMUNITÁRIO, DE ENTRE-AJUDA E SOLIDARIEDADES AMPLIADAS

A família pode ser a primeira escola de formação para a vida comunitária. O homem traz escrito no mais profundo do seu ser, o impulso para estabelecer relações inter-pessoais ampliadas, para viver em comunidade. Já tem sido escrito de muitas formas e em todos os idiomas, que o homem é, por natureza, um ser social.

O âmbito familiar não esgota a amplitude desse impulso básico. Este fato já sugere, desde logo, a necessidade de interação inter-familiar, seja nos grupos de vizinhança, nas comunidades eclesiás de base, nos grupos familiares animados por entidades diversas, como os movimentos familiares que existem no interior e fora do âmbito de atuação eclesial; e tantas outras formas de integração comunitária abertas às famílias.

Verifica-se, mesmo, que, ao fechamento excessivo da família, corresponde, muitas vezes, a origem de sérios



problemas no relacionamento intra-familiar.

Observa-se, também, que nas comunidades mais pobres, nas periferias dos grandes centros urbanos, nas urbanizações marginais marcadas pela miséria, parece ser mais comum a predisposição à vivência de formas de associação com características de autêntico espírito comunitário.

A tendência ao isolamento, ou a relações inter-familiares apenas superficiais, parece predominar entre famílias economicamente privilegiadas, fato que mereceria estudo mais acurado; embora se possam intuir as razões que levam a uma vivência tão diferenciada do espírito comunitário em famílias de diferentes níveis sócio-econômicos.

O exercício da função comunitária, pela família, não pode reduzir-se ao que comumente se propunha no passado, por orientações puramente de ordem psicológica, que gozaram de grande prestígio em determinada época.

Naquela perspectiva, o que importava era que a família produzisse pessoas perfeitamente adaptadas ao meio ambiente em que deveriam inserir-se, para que tal inserção fosse natural, harmoniosa, sem reflexos psicológicos negativos sobre a personalidade, identificados naqueles que apresentavam dificuldades às vezes insuperáveis de adaptação ao meio ambiente. Gervam-se, assim, pessoas acomodadas, incapazes de questionar o "status quo", condicionadas ao conformismo.

Em sociedades marcadas pela injustiça nas relações entre os homens, o conformismo torna-se intolerável, desafiando as famílias a exercerem a função comunitária em sentido radicalmente diferente. Trata-se de preparar seus membros para uma inserção crítica na sociedade, que deve ser questionada e transformada, ainda que tal inserção seja geradora de crises de adaptação e angústia, que a própria família deve ser capaz de ajudar a el-

borar e superar, tornando fecundas e eficazmente transformadoras essas crises, construtivamente assimiladas.

Também essa inserção crítica na sociedade exige um tipo de apoio comunitário, que reforça a necessidade, já entrevista, de solidariedades ampliadas; que se estabelecem quando famílias, animadas por um ideal comum, se associam para um intercâmbio mais denso de experiências, um relacionamento inter-familiar mais extenso que se traduza em formas efetivas de entre-ajuda e apoio mútuo.

A FUNÇÃO COMUNITÁRIA, NUMA PERSPECTIVA DE FÉ CRISTÃ

O cristão se reconhece participante de uma comunidade maior, o Povo de Deus, cuja missão é anunciar e fazer presente, desde já e aqui, o Reino de Deus, que Jesus veio instaurar, no mundo.

O Reino de Deus não se realiza plenamente no mundo, mas nele se esboça e antecipa, através dos múltiplos sinais que revelam as possibilidades de relações mais fraternas entre os homens, fundadas no amor.

Muitos não-cristãos estão empenhados na construção de uma sociedade mais justa e fraterna. O cristão, entretanto, é aquele que sabe que se trata da construção do Reino, que transcende e ultrapassa as realizações humanas parciais e não se esgota nas conquistas limitadas ao alcance do homem.

Tem, portanto, o cristão, motivação especial para sua inserção transformadora no mundo. Sabendo que o Reino de Deus não se reduz às dimensões da ordem política e social, sabe, ao mesmo tempo que lhe cabe o anúncio do Reino, através de sinais sensíveis capazes de converter os homens, levando-os a se engajar na transformação

de todas as estruturas de injustiça que retardam a sua instauração.

Assim, toda ação, por mais limitada que pareça, orientada para a superação da opressão, da dominação e da injustiça, cada ato que leve os homens a relações mais humanas e fraternas, toda iniciativa para a integração dos homens em comunidades autênticas, são maneiras de anunciar, antecipar e instaurar desde já, o Reino de Deus.

Surgem, neste campo, como magnífica esperança e já fecunda realidade, as comunidades eclesiais de base, e as comunidades familiares incentivadas e apoiadas por movimentos especializados de Igreja, que assumem, de forma adulta e responsável, esta missão de anunciar e construir, comunitariamente, o Reino de Deus, integrando-se em seu Povo e se colocando em atitude de serviço a todos os homens.

DIFICULDADES PARA O EXERCÍCIO DESTA MISSÃO

Muitas dificuldades foram delineadas à medida que se apresentavam as diversas facetas do exercício desta função familiar.

Outras poderiam ser enunciadas, como advertência às famílias que se esforçam em exercê-la, não obstante suas limitações, para que não se deixem envolver pelas armadilhas preparadas ardilosamente para levá-las ao fracasso.

É preciso denunciar, inicialmente, todas as formas de incentivo ao indivi-

dualismo, que marca geralmente as sociedades desenvolvidas ou em vias de desenvolvimento, e que alimentam, continuamente, a ânsia de sucesso pessoal, a busca do ter e do poder, através da competição selvagem várias vezes antes mencionada.

Por outro lado, os sistemas políticos e econômicos procuram se auto-protecter contra o surgimento de elementos contestadores de seus fundamentos iníquos. Cram, para tanto, mecanismos de controle e repressão, que mantêm as pessoas e famílias intimidadas, receosas de introduzir, na formação de seus membros, o desenvolvimento da consciência crítica e do desejo de integração comunitária; visitas com desconfiança pelos regimes de força, que, com indiscutível perspicácia, sabem ser a semente da sua própria destruição ou desmascaramento. Com efeito, comunidades solidárias, de pessoas dotadas de consciência crítica, são dotadas de uma força transformadora que os detentores do poder sabem não poder desprezar.

Assim, intimidadas, muitas famílias renunciam a uma educação libertadora, capaz de levar seus membros a uma inserção crítica na sociedade; e chegam, mesmo, a optar por uma educação domesticadora e alienante, da qual surgirão pessoas conformistas, sem capacidade criadora e transformadora.

Esta não pode ser a opção cristã.

- QUE RESPONSABILIDADES NOS CABEM DIANTE DESTE QUADRO?
- QUE AÇÕES CONCRETAS PODEMOS REALIZAR, PARA QUE AS FAMÍLIAS POSSAM MELHOR EXERCER SUAS FUNÇÕES BÁSICAS?
- O QUE PODEMOS ACRESCENTAR A ESTE DIAGNÓSTICO?
- QUE PERSPECTIVAS SE ABREM ÀS FAMÍLIAS NESTE MUNDO EM RÁPIDAS TRANSFORMAÇÕES?

IV – FUNÇÃO DE TRANSMISSÃO DE FÉ

aqui se cresce no conhecimento de Deus

FAMÍLIA CAPAZ DE EDUCAR NA FÉ, E ALIMENTAR, EM SEUS MEMBROS, O IMPULSO DE AUTO-TRANSCENDÊNCIA, INSCRITO, POR DEUS, NO CORAÇÃO DOS HOMENS

Dentre os impulsos básicos do ser humano, deve ser destacado como fundamental, o de auto-transcendência, que leva todo homem a buscar respostas mais globais para o mistério da vida, jamais se contentando plenamente com as conquistas e realizações circunscritas nos limites da dimensão humana de sua natureza.

Este impulso de transcendência leva o homem à procura consciente ou inconsciente de Deus.

Ao longo da história, têm sido muito diversos os caminhos percorridos pelos homens, nesta busca incessante.

O pluralismo religioso que hoje observamos, no mundo, não tão diferente do de outras épocas passadas, corrobora esta variedade de caminhos sempre tentados pelos homens.

As famílias têm sido um dos veículos naturais de transmissão de crenças e práticas religiosas; pela palavra e pelo exemplo, pelo desenvolvimento de hábitos relacionados com a sua fé, e pela vivência dos valores éticos dela decorrentes.

Esta transmissão da fé, dos pais aos filhos, e muitas vezes dos filhos aos pais, é geralmente um processo natural, que se desenvolve pela convivência e pelo diálogo familiar. Com menor freqüência se observa alguma atividade sistematizada, no interior das famílias, no sentido de se estabelecer uma formação pedagogicamente elaborada, com recursos didáticos apropriados.

Para esta forma sistematizada de formação religiosa, ainda é hábito recorrerem as famílias à catequese organizada de seu grupo religioso, a cargo de pessoas especializadas.

É possível que, muitas vezes, esta aceleração do processo catequético fora do âmbito familiar, leve os mais jovens de seus membros a transmitir, aos pais, visões mais atualizadas da religião de seus pais, que frequentemente se afastam, por tempo prolongado, de qualquer atividade, ou mesmo leituras, que alimentassem seu amadurecimento na própria fé que professam.

Esta é uma função normalmente exercida, portanto, pelas famílias em geral, qualquer que seja sua confissão religiosa, suas crenças e práticas religiosas.

Mesmo os ateus convictos — que muitas vezes acreditamos não existi-

rem — se preocupam, geralmente, em transmitir seu ateísmo a seus filhos, e vice-versa. E tal preocupação e interesse em transmitir convicções nem mesmo se limitam as de tipo religioso, mas, igualmente se transmitem as convicções políticas, morais, ideológicas ou de qualquer outra natureza.

Tudo parece indicar uma significativa eficácia da família nessa transmissão de idéias, crenças e valores, ainda que sua atividade, com este objetivo, seja geralmente assistemática. E no exercício de tal função, muitas famílias ou alguns de seus membros, assumem uma atuação externa, procurando levar a outras pessoas o anúncio de suas convicções, muitas vezes com intenções proselitistas.

A EDUCAÇÃO NA FÉ, NUMA PERSPECTIVA CRISTÃ

Para o cristão, o exercício desta função de transmissão da Fé, tem a dimensão de missão de grave responsabilidade e importância.

Assim o apregoam importantes documentos oficiais do magistério da Igreja, especialmente, em nosso tempo, os que se produziram no Concílio Vaticano II, Medellin e Puebla; estes últimos dirigidos especialmente aos povos da América Latina, mas de alcance universal.

Entretanto, muitos pais cristãos se sentem incapazes de transmitir sua Fé aos seus filhos, não obstante, muitas vezes, tenham tido a oportunidade de uma boa formação, através de adequada catequese, e vivam em comunhão com a Igreja, com freqüência assídua ao culto e, mesmo, engajados em atividades eclesiásias.

Em suma, não sabem como expressar essa Fé e torná-la significativa para os próprios filhos — e muito menos pa-



ra as outras pessoas com quem convivem e poderiam ser receptivas ao anúncio da Fé cristã.

A estas dificuldades, soma-se, com freqüência, em outros países, a ignorância dos fundamentos básicos da Fé, decorrentes de uma catequese ausente ou deficiente, de que resultam, não poucas vezes, formas de infantilismo religioso, sem profundidade e coerência.

Na base dessa dificuldade percebida por tantos pais cristãos bem intencionados, parece estar a falta de maturidade na Fé, sobre o que será conveniente uma breve reflexão.

A pessoa é ainda infantil na sua Fé, quando se mantém prisioneira de objetos ou pessoas fora de Deus. É a idolatria magistralmente denunciada por Isaías (44,9-20). A idolatria não só falsifica a relação com Deus, como aliena e degrada o homem, que passa a dar valor absoluto ao que é relativo, escravizando-se a esses ídolos. É próprio de uma religiosidade infantil viver a Fé em termos de escravidão e

não de liberação.

Outra forma de religiosidade não amadurecida é a magia, entendida como relação com Deus em termos de comércio: "ofereço-te isto para que me concedas aquilo". É uma relação interesseira. A Fé perdura enquanto os pedidos são atendidos. Exige-se de Deus recompensa pelo bom comportamento ou boas obras. Deus não é respeitado como Deus, mas instrumentalizado pelo homem, a seu serviço.

É infantil a Fé quando separada do compromisso ético com a justiça e o amor. No culto e nos atos litúrgicos, a pessoa manifesta muita Fé e aparente aceitação de Deus. Mas, no cotidiano, a sua vida em nada se distingue das pessoas que não têm Fé. Trata-se de uma Fé não comprometida com o esforço para que exista mais justiça, nem com o amor efetivo e prático, que se traduz em atos concretos — como o denuncia igualmente o profeta (Is 1,10-20; 58,1-8).

Não será esta a causa de fracasso

de tantas famílias em seus esforços frustrados de exercer esta função de transmissão da Fé?

Os destinatários desses esforços costumam ter bastante senso crítico para identificar as contradições entre o que se fala e o que se vive, e rejeitar, assim, a mensagem transmitida.

Mesmo quando acolhidas as mensagens que anunciam a Fé, em suas formas imaturas e, ainda, em formas mais primitivas de religiosidade popular, vão sendo posteriormente rejeitadas, à medida que a pessoa atingida cresce em maturidade psicológica e intelectual — o que parece ocorrer, com freqüência, nas famílias: os filhos acatam uma visão infantil da Fé e da prática religiosa, enquanto psicologicamente e intelectualmente imaturos. E rejeitam todas essas coisas quando atingem um estágio de amadurecimento no qual já não têm lugar as antigas crenças e práticas da infância e da adolescência.

Desta forma, torna-se um desafio às famílias cristãs a necessidade de constante preparação, estudo, atualização e aprofundamento da Fé que professam; e que este processo permanente leve à superação do infantilismo religioso dos que se propõem a transmitir a Fé a seus filhos e demais pessoas que são capazes de atingir com a sua palavra e o seu exemplo de vida cristã, comprometida com a justiça, o amor e o serviço dos irmãos.

DIFICULDADES PARA O EXERCÍCIO DESTA FUNÇÃO

Além das dificuldades pessoais já apontadas, não se pode deixar de levar em conta outros fatores que acrescentam obstáculos à transmissão da Fé.

O progresso técnico-científico vai eliminando a visão antiga do mundo, na qual o cristianismo foi vivido e expressado. Tal visão do mundo tinha

uma linguagem própria, usada durante dois milênios, para expressar e comunicar o cristianismo.

Com o desenvolvimento da ciência moderna, vai-se formando uma visão nova do mundo e, consequentemente, uma nova linguagem.

As pessoas que falam na linguagem do mundo moderno, não entendem mais a linguagem que falam os cristãos, se estes não aprendem a comunicar o cristianismo na linguagem da nova visão do mundo, própria da cultura moderna. Por isso, muitas vezes, os filhos não entendem a palavra usada pelos pais para transmitir-lhes a Fé. É urgente, portanto, resolver o problema da comunicação significativa da Fé, na linguagem própria do nosso tempo.

Por outro lado, é crescente o pluralismo religioso nas sociedades modernas. Já não subsiste, no mundo, ou em qualquer parte dele, a situação de cristiandade, em que, todos sendo cristãos, tornava-se secundária qualquer preocupação maior com a Fé pessoal.

No atual pluralismo religioso, é indispensável caminhar-se para uma Fé realmente assumida e vivida com convicção. Pois o cristão recebe a influência das religiões orientais, o forte atração do espiritismo, o impacto das seitas pentecostais, convive com ateus. Se sua Fé não for amadurecida, o cristão perceberá, perplexo, a sua incapacidade de se apresentar razões convincentes para as suas frágeis convicções.

As dificuldades estão também na

forma deturpada de apresentar-se o Deus da Bíblia, e de viver-se a relação com ele.

Fabricam-se deuses à "imagem e semelhança" do homem e de suas fantasias e interesses. Apresentam-se formas inventadas de Deus, muito diferentes do Deus libertador do Éxodo, do Deus Criador, do Deus dos profetas, do Deus revelado em Jesus Cristo.

A falta de fidelidade ao Deus verdadeiro, tão diverso dos seus sucedâneos, é causa inegável da rejeição de muitos ao anúncio da Fé cristã.

Deus, para muitos, acabou sendo uma projeção das necessidades e desejos do homem e da sociedade.

O conceito deformado de Deus é uma porta aberta para o ateísmo.

Dificuldades especiais experimentam os cristãos, na expressão e transmissão da Fé, vivendo em países que as reprimem, adotando o materialismo ateu como ideologia oficial, proibindo e perseguindo as manifestações de Fé, e transferindo, para o Estado, a formação ideológica, moral e política, dos filhos, através das escolas oficiais em que professam o ateísmo oficializado.

A Igreja não cessa de denunciar esta forma odiosa de discriminação e desrespeito a este direito humano inalienável, de livre expressão e anúncio da Fé. E ainda mais severa, é a sua denúncia quando a esta discriminação se acrescem formas intoleráveis de repressão violenta e de morte.

- QUE RESPONSABILIDADES NOS CABEM DIANTE DESTE QUADRO?
- QUE AÇÕES CONCRETAS PODEMOS REALIZAR, PARA QUE AS FAMÍLIAS POSSAM MELHOR EXERCER SUAS FUNÇÕES BÁSICAS?
- O QUE PODEMOS ACRESCENTAR A ESTE DIAGNÓSTICO?
- QUE PERSPECTIVAS SE ABREM ÀS FAMÍLIAS NESTE MUNDO EM RÁPIDAS TRANSFORMAÇÕES?

V – FUNÇÃO DE PROMOTORA DO DESENVOLVIMENTO

aqui se forja o inconformismo ante estruturas injustas

FAMÍLIA ATUANTE NA COMUNIDADE E NAS ESTRUTURAS SOCIAIS INTERMEDIÁRIAS, PROMETIDA NA TRANSFORMAÇÃO DAS ESTRUTURAS DE INJUSTIÇA E OPRESSÃO E DE TUDO O QUE AGRIDE A DIGNIDADE INALIENÁVEL DO HOMEM, CRIADO À IMAGEM E SEMELHANÇA DE DEUS

Como opção de Fé, o cristão deve estar disposto a viver efetivamente o seu compromisso no mundo.

Seu compromisso básico é com a justiça e com o amor.

Desse compromisso básico, derivam inúmeras responsabilidades e exigências das quais o cristão não pode fugir.

A vivência desses compromissos é compartilhada com os não-cristãos, sensíveis às injustiças, à opressão, à dominação e a todas as formas de desrespeito aos direitos humanos.

Assim, vão os homens construindo a história, embora fortemente condicionados pelos mecanismos sociais manipulados por nações e grupos privilegiados minoritários; que tendem a modelar um tipo de desenvolvimento que responda aos seus interesses, nem sempre lícitos, na medida que alimentam as gritantes desigualdades, a crescente miséria em tantos países de economia dependente, a injusta distribuição de rendas, e tantas outras condições inaceitáveis e presentes em diferentes sistemas políticos.

A família é o grupo social que talvez disponha de melhores condições de preparar seus membros para uma inserção crítica na sociedade.

Embora essa formação se faça, também, nas escolas e universidades, partidos políticos e organizações de classe, através de leituras ou dos meios de comunicação de massa, é na família que se processa ou pode se processar a síntese desses elementos de formação da consciência crítica de seus membros.

Assim formados, estão preparados para, individualmente ou como grupo familiar, atuar efetivamente na promoção de um autêntico desenvolvimento integral da sociedade, desenvolvimento in-

integral, centrado no homem, que atinja o homem todo e todos os homens, e não se limite apenas à sua dimensão econômica. Esse tipo de redução do conceito de desenvolvimento tem levado não poucas vezes ao crescimento econômico de países, no interior dos quais se verifica a miséria crescente do povo, mantido à margem dos benefícios do progresso decorrente do modelo adotado.

Um verdadeiro desenvolvimento, não pode prescindir da participação do povo no próprio estabelecimento do modelo a ser adotado, de modo que este responda às suas verdadeiras aspirações, geralmente bem diversas das que ocorrem aos técnicos que o elaboram à sua revelia.

O exercício dessa função familiar exige a rejeição de todas as formas de alienação que muitas vezes penetram no interior da família, a partir de bem urdidos programas elaborados pelos sistemas aos quais não convém um tipo de formação crítica e libertadora, capaz de produzir cidadãos não-conformistas, contestadores da iniquidade que os sustenta.

PROMOÇÃO DO DESENVOLVIMENTO, NUMA PERSPECTIVA CRISTÃ

Para o cristão, este desafio a uma inserção crítica e participativa no mundo, não é facultativa, mas uma exigência da própria Fé.

E são variadas as maneiras concretas de efetivar-se esta inserção transformadora.

Antes de tudo, reconhece o cristão sua responsabilidade de manter-se sempre aberto e atento à realidade, em processo de permanente conscientização e desenvolvimento da consciência crítica; sensível aos sinais dos tempos

que o interpelam com dados sempre novos e desafios que esperam soluções e respostas inovadoras. Não pode, portanto, o cristão manter-se à margem da história, alienado e perdido na teia de acontecimentos que não acompanha ou analisa.

Ao mesmo tempo, está o cristão convocado para ser agente de conscientização, ajudando outras pessoas a viverem o mesmo processo de crescimento de sua capacidade de perceber, criticamente, os fenômenos sócio-políticos, econômicos, morais, culturais e religiosos que se desenvolvem à sua volta.

Deve, ainda, o cristão assumir decididamente o seu papel profético de denúncia corajosa de todas as formas de injustiça que consegue detectar, e de anúncio do Reino de Deus que já começou e se realizar através de tudo o que contribui para a superação da injustiça e instauração de relações mais fraternas entre todos os homens, que se reconhecem irmãos entre irmãos, a partir da filiação divina: todos filhos de um mesmo Pai.

É função da família preparar seus membros, convenientemente, para o desempenho destas responsabilidades, incentivando-os a viverem efetivamente o seu compromisso cristão no mundo.

E uma das formas de tornar mais efetivo e fecundo o exercício desses papéis, será a inserção do cristão nas estruturas sociais intermediárias (Associações de bairro ou de classe profissional, Escola e Universidade, Sindicatos e organismos que utilizam meios de comunicação de massa, por exemplo); bem como na ação política específica, que supõe militância partidária e o desempenho de funções públicas, sempre com espírito de ver-

dadeiro serviço aos homens — e nunca pela sedução do exercício do poder, rechaçada por Jesus, quando tentado no deserto, no início da sua vida pública.

Outras possibilidades se abrem, ainda, aos cristãos, de presença e atuação fecunda no mundo.

São, por exemplo, as atividades de promoção humana e de assistência aos mais necessitados, desenvolvidas por múltiplos organismos e entidades, sempre carentes de recursos humanos e materiais.

São, ainda, as atividades educativas desempenhadas de acordo com esta perspectiva libertadora, que conduz o desenvolvimento da consciência, para a inserção crítica dos educandos na sociedade em que deverão viver; atividades essas que não se limitam ao âmbito da educação escolar sistematizada, mas abrange toda e qualquer ação educativa assistemática, nas mais variadas situações.

Na medida em que assume esta função de incentivar permanentemente seus membros para tal tipo de atuação transformadora no mundo, a família se apresenta, verdadeiramente, como promotora do desenvolvimento.

DIFICULDADE PARA O EXERCÍCIO DESTA FUNÇÃO

A formação de cidadãos conscientizados, de forte senso crítico, capazes de discernir as situações de iniquidade

em que vivem, e suficientemente corajosos para denunciá-las, é, certamente visto com desconfiança por muitos sistemas políticos, que só podem se manter pela força ou pela acomodação e o conformismo do povo.

Esses sistemas procuram proteger-se, assim, de toda forma de crítica capaz de ameaçar a sua estabilidade.

Para isso, criam mecanismos de controle, repressão e alienação, que se constituem em sérios obstáculos para o exercício desta função familiar.

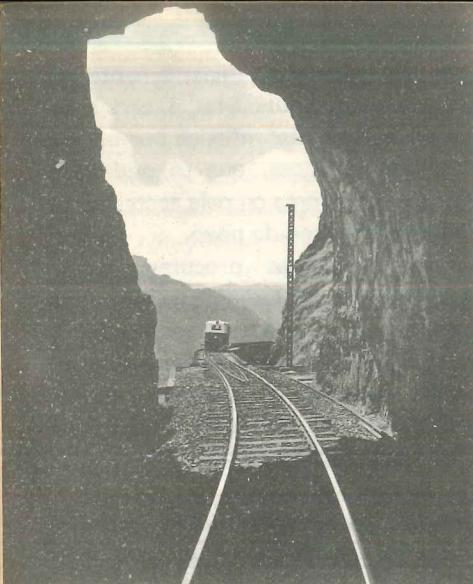
O controle, permite que sejam localizados, os inconformistas, impedindo-os de manifestar suas idéias, através da censura e da intimidação.

A repressão é a ação que retira do cenário político e social, brutalmente, pelos métodos conhecidos, aqueles que não se acomodam e não querem calar-se diante das injustiças.

A alienação é aparentemente mais sutil: desvia a atenção dos oprimidos e marginalizados para reivindicações secundárias e os mantém mobilizados por distrações inocentes que acalmam o seu conformismo.

Tais mecanismos imobilizam, muitas vezes as famílias, que sentindo-se intimidadas e vulneráveis, acabam por se acomodar, renunciando ao exercício de sua função de promover o desenvolvimento, segundo modelos que respondessem às mais puras e autênticas aspirações de todos os homens.

-
- QUE RESPONSABILIDADES NOS CABEM DIANTE DESTE QUADRO?
 - QUE AÇÕES CONCRETAS PODEMOS REALIZAR, PARA QUE AS FAMÍLIAS POSSAM MELHOR EXERCER SUAS FUNÇÕES BÁSICAS?
 - O QUE PODEMOS ACRESCENTAR A ESTE DIAGNÓSTICO?
 - QUE PERSPECTIVAS SE ABREM ÀS FAMÍLIAS NESTE MUNDO EM RÁPIDAS TRANSFORMAÇÕES?



a utopia cristã

Da sociedade, para que funcione, se requerem as mesmas exigências que se fazem às famílias: formar pessoas conscientes, unidas em comunidade e fraternidade, para promover o desenvolvimento e o bem comum. A oração, o trabalho e a atividade educadora da família, como célula social, devem pois orientar-se a mudança das estruturas injustas pela comunhão e participação entre os homens e pela celebração da fé na vida cotidiana. Na interpelação recíproca que se estabelece no decorrer dos tempos entre o Evangelho e a vida concreta pessoal e social (EN 29), a família saberá ler e viver a mensagem explícita sobre as exigências da vida familiar. Por isso, denuncia e anuncia, compromete-se na transformação do mundo em sentido cristão e contribui para o progresso, a vida comunitária, o exercício da justiça distributiva, a paz (Puebla).

Esta denúncia exige o conhecimento crítico; é um ato de conhecimento. Não se pode denunciar a estrutura desumanizante se não se penetra nela para conhecê-la. Não se pode anunciar o que não se conhece; mas entre o mo-

mento do anúncio e a sua realização há um tempo que se denomina tempo histórico; é precisamente a história que se deve criar com nossas próprias mãos; é o tempo das transformações que se devem realizar; é o tempo do nosso compromisso histórico.

Somente podem ser proféticos os que anunciam e denunciam, comprometidos permanentemente num processo radical de transformação do mundo, para que os homens possam ser mais.

Quanto mais conscientizados nos tornamos, mais capacitados estamos para ser anunciadores e denunciadores, graças ao compromisso de transformação que assumimos. Mas esta posição profética deve ser permanente: a partir do momento em que denunciamos uma estrutura desumanizante sem nos comprometermos com a realidade, e sua transformação, a partir do momento em que chegamos à conscientização do anúncio que devemos fazer sem a coragem de sermos utópicos, nos burocratizamos. Ora, o cristão não pode ser o burocrata do Reino de Deus.

caminhos claros



Os cinco artigos que publicamos, a seguir, são extraídos dos textos do Documento de Puebla.

São alguns dos capítulos que apontam diretrizes e prioridades para a ação dos cristãos, na América Latina — e, portanto, no Brasil.

Individualmente ou constituídos em movimentos de Igreja, os cristãos devem reconhecer sua missão no mundo.

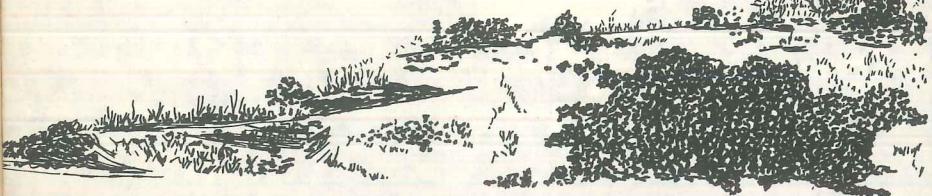
O objetivo dos textos de Puebla é ajudá-los e perceber caminhos mais claros para uma presença efetiva, crítica e transformadora na sociedade em que devem viver.

Leiam, com atenção, os artigos que se seguem. Diante das linhas que Puebla aponta aos cristãos, devem todos rever sua atuação — e a dos movimentos a que pertencem:

- **ACEITAMOS, DE FATO, AS LINHAS PRIORITÁRIAS DE AÇÃO QUE A IGREJA ASSUME NA AMÉRICA LATINA E NO BRASIL?**
- **O QUE ESTAMOS REALIZANDO E DIZENDO, COMO CRISTÃOS, ESTÁ EM SINTONIA COM ESSAS DIRETRIZES?**
- **O QUE PODERÍAMOS FAZER OU MODIFICAR PARA QUE HAJA MAIS COERÊNCIA COM OS CAMINHOS APONTADOS?**

Não se limitem a uma revisão individual. Promovam debates, encontros e confrontos. Mobilizem o seu movimento, para uma reformulação, na ação, na linguagem e na definição dos seus campos prioritários de atuação.

missão profética: anúncio e denúncia



OPÇÕES PASTORAIS DA IGREJA UNIVERSAL

Na força da consagração messiânica do batismo, o Povo de Deus é enviado para servir ao crescimento do Reino nos demais povos. É enviado como povo profético que anuncia o Evangelho ou faz o discernimento das vozes do Senhor no coração da história. Anuncia onde se manifesta a presença de seu Espírito. Denuncia onde opera o mistério da iniquidade, mediante fatos e estruturas que impedem uma participação mais fraterna na construção da sociedade e no desfrutar dos bens que Deus criou para todos (Puebla, 267).

Se o nosso tempo, o tempo da nossa geração, o tempo que se vai aproximando do fim do segundo milênio da nossa era cristã, se nos manifesta como um tempo de grande progresso, ele apresenta-se também como um tempo de multiforme ameaça contra o homem, da qual a Igreja deve falar a todos os homens de boa vontade e sobre a qual ela deve constantemente

dialogar com eles. A situação do homem no mundo contemporâneo, de fato, parece estar longe das exigências objetivas da ordem moral, assim como das exigências da justiça e, mais ainda, do amor social. Não se trata aqui senão daquilo que teve a sua expressão na primeira mensagem do Criador dirigida ao homem no momento em que lhe dava a terra, para que ele a "dominasse" (Gn 1,28; cf. JM 6; GS 74, 78). Esta primeira mensagem de Deus foi confirmada depois, no mistério da redenção. O sentido essencial desta "realza" e deste "domínio" do homem sobre o mundo visível, que lhe foi confiado como tarefa pelo próprio Criador, consiste na prioridade da ética sobre a técnica, no primado da pessoa sobre as coisas e na superioridade do espírito sobre a matéria.

É por isso mesmo que é necessário acompanhar atentamente todas as fases do progresso hodierno: é preciso, por assim dizer, fazer a radiografia de cada uma das suas etapas exatamente deste ponto de vista. Está em causa

o desenvolvimento da pessoa e não apenas a multiplicação das coisas, das quais as pessoas podem servir-se. Trata-se — como disse um filósofo contemporâneo e como afirmou o Concílio — não tanto de "ter mais", quanto de "ser mais". Com efeito, existe já um real e perceptível perigo de que, enquanto progride enormemente o domínio do homem sobre o mundo das coisas, ele perca os fios essenciais deste seu domínio e, de diversas maneiras, submeta a elas a sua humanidade, e ele próprio se torne objeto de multiforme manipulação, se bem que muitas vezes não diretamente perceptível; manipulação através de toda a organização da vida comunitária, mediante o sistema de produção e por meio de pressões dos meios de comunicação social. O homem não pode renunciar a si mesmo, nem ao lugar que lhe compete no mundo visível; ele não pode tornar-se escravo das coisas, escravo dos sistemas econômicos, escravo da produção e escravo dos seus próprios produtos.

A amplitude do fenômeno põe

em questão as estruturas e os mecanismos financeiros, monetários, produtivos e comerciais, que, apoiando-se em diversas pressões políticas, regem a economia mundial; demonstram-se como que incapazes quer para reabsorver as situações sociais injustas, herdadas do passado, quer para fazer face aos desafios urgentes e às exigências éticas do presente. Submetendo o homem às tensões por ele mesmo criadas, dilapidando, com um ritmo acelerado, os recursos materiais e energéticos e comprometendo o ambiente geofísico, tais estruturas dão azo a que se estendam incessantemente as zonas de miséria e, junto com esta, a angústia, a frustração e a amargura".

Encontramo-nos aqui perante o grande drama, que não pode deixar ninguém indiferente. O sujeito que, por um lado, procura auferir o máximo proveito, bem como aquele que, por outro lado, paga as consequências dos danos e das injúrias, é sempre o homem. E tal drama é ainda mais exacerbado pela proximidade com os



estratos sociais privilegiados e com os países da opulência, que acumulam os bens num grau excessivo e cuja riqueza se torna, muitas vezes por causa do abuso, motivo de diversos mal-estares. A isto ajuntem-se a febre da inflação e a praga do desemprego; e eis outros sintomas de tal desordem moral, que se faz sentir na situação mundial e que exige por isso mesmo resoluções audaciosas e criativas, conformes com a autêntica dignidade do homem (OA 42).

É possível assumir este dever; testemunham-no os fatos certos e os resultados, que é difícil enumerar aqui de maneira mais pormenorizada. E uma coisa, contudo, é certa: na base deste campo gigantesco é necessário estabelecer, aceitar e aprofundar o sentido da responsabilidade moral, que

tem de assumir o homem. Ainda uma vez e sempre, o homem. Para nós cristãos uma tal responsabilidade torna-se particularmente evidente, quando recordamos — e devemos recordá-lo sempre — a cena do juízo final, segundo as palavras de Cristo, referidas no Evangelho de São Mateus (cf. Mt 25,31-46).

Essa cena escatológica tem de ser sempre "aplicada" à história do homem, deve ser sempre tomada como "medida" dos atos humanos, como um esquema essencial de um exame de consciência para cada um e para todos: "Tive fome e não me destes de comer. . . ; estava nu e não me vestistes. . . ; estava na prisão e não fostes visitar-me" (Mt 25,42-43). Estas palavras adquirem um maior cunho de admoestação ainda, se pensamos que, em vez do pão e da ajuda cultural a novos estados e nações que estão despertando para a vida independente, algumas vezes, se lhes oferecem, não raro com abundância, armas modernas e meios de destruição, postos ao serviço de conflitos armados e de guerras, que não são tanto uma exigência da defesa dos seus justos direitos e da sua soberania, quanto sobretudo uma forma de "chauvinismo", de imperialismo e de neocolonialismo de vários gêneros. Todos sabemos bem que as zonas de miséria ou de fome, que existem no nosso globo, poderiam ser "fertilizadas" num breve espaço de tempo, se os gigantescos investimentos para os armamentos, que servem para a guerra e para a destruição, tivessem sido em contrapartida convertidos em investimentos para a alimentação, que servem para a vida.

(Carta Redemptor Hominis — n°s 56, 57, 60, 61, 64, 65 — João Paulo II).

• DIRETRIZES PASTORAIS DA IGREJA — II

o desafio da austeridade



OPÇÕES PASTORAIS DA IGREJA NA AMÉRICA LATINA: OPÇÃO PELOS POBRES E O USO DOS BENS.

Na Igreja da América Latina, nem todos nos temos comprometido bastante com os pobres; nem sempre nos preocupamos com eles e somos com eles solidários. O serviço do pobre exige, de fato, uma conversão e purificação constantes em todos os cristãos, para conseguir-se uma identificação cada dia mais plena com Cristo pobre e com os pobres.

Afirmamos a necessidade de conversão de toda a Igreja para uma opção preferencial pelos pobres, no intuito de sua integral libertação.

Esta opção, exigida pela escanda-

losa realidade dos desequilíbrios econômicos da América Latina, deve levar a estabelecer uma convivência humana digna e a construir uma sociedade justa e livre.

A necessária mudança das estruturas sociais, políticas e econômicas injustas não será verdadeira e plena se não for acompanhada pela mudança de mentalidade pessoal e coletiva com respeito ao ideal de uma vida digna e feliz, que por sua vez dispõe à conversão.

A exigência evangélica da pobreza, como solidariedade com o pobre e como rejeição da situação em que vive a maioria do Continente, liberta o pobre de ser individualista em sua vida e ser atraído e seduzido pelos falsos ideais de uma sociedade de consumo. Da mesma forma, o testemunho de

uma Igreja pobre pode evangelizar os ricos, que têm o coração apegado às riquezas, convertendo-os e libertando-os desta escravidão e de seu egoísmo.

Os bens e riquezas do mundo, por sua origem e natureza, segundo a vontade do Criador, são para servir efetivamente à utilidade e ao proveito de todos e cada um dos homens e dos povos. Por isso a todos e a cada um compete um direito primário e fundamental, absolutamente inviolável, de usar solidariamente esses bens, na medida do necessário, para uma realização digna da pessoa humana. Todos os outros direitos, também o de propriedade e livre comércio, lhe estão subordinados. Como nos ensina João Paulo II: "Sobre toda propriedade privada pesa uma hipoteca social". A propriedade compatível com aquele direito primordial é antes de tudo um poder de gestão e administração, que, embora não exclua o domínio, não o torna absoluto nem ilimitado. Deve ser fonte de liberdade para todos, nunca de dominação nem de privilégios. É um dever grave e urgente fazê-lo retornar à sua finalidade primeira".

É de suma importância que este serviço do irmão siga a linha que o Concílio Vaticano II nos traça: "Cumprir antes de mais nada as exigências da justiça, para não ficar dando como ajuda de caridade aquilo que já se deve em razão da justiça; suprimir as causas e não só os efeitos dos males e organizar os auxílios de forma tal que os que os recebem se libertem progressivamente da dependência externa e se bastem a si mesmos" (AA 8).

O compromisso com os pobres e oprimidos e o surgimento das Comunidades de Base ajudaram a Igreja a descobrir o potencial evangelizador

30

dos pobres, enquanto estes a interpelam constantemente, chamando-a à conversão, e porque muitos deles realizam em sua vida os valores evangélicos de solidariedade, serviço, simplicidade e disponibilidade para acolher o dom de Deus.

Para viver e anunciar a exigência da pobreza cristã, a Igreja deve rever suas estruturas e a vida de seus membros, sobretudo dos agentes de pastoral, com vistas a uma conversão efetiva.

Esta conversão traz consigo a exigência de um estilo de vida austero e uma total confiança no Senhor, já que na sua ação evangelizadora a Igreja contará mais com o ser e poder de Deus e de sua graça do que com o "ter mais" e o poder secular. Assim, apresentará uma imagem autenticamente pobre, aberta a Deus e ao irmão, sempre disponível, onde os pobres têm capacidade real de participação e são reconhecidos pelo valor que têm.

AÇÕES CONCRETAS

Comprometidos com os pobres, condenamos como antievangélica a pobreza extrema que afeta numerosíssimos setores em nosso Continente.

Envidamos esforços para conhecer e denunciar os mecanismos geradores dessa pobreza.

Reconhecemos a solidariedade de outras Igrejas, unimos os nossos esforços aos dos homens de boa vontade

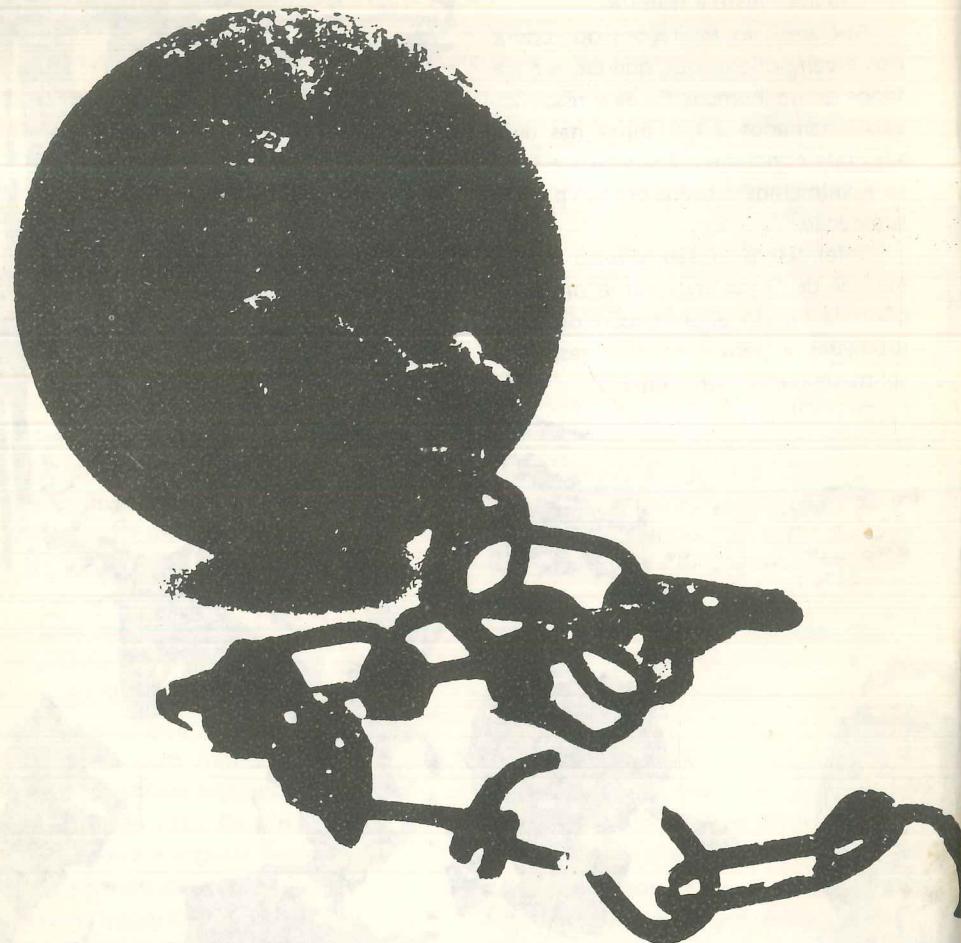
para desarraigar a pobreza e criar um mundo mais justo e fraterno.

Apoiamos as aspirações dos operários e camponeses que querem ser tratados como homens livres e responsáveis, chamados a participar nas decisões que concernem à sua vida e futuro e animamos a todos em sua própria superação.

Defendemos o seu direito fundamental de "criar livremente organizações de defesa e promoção dos seus interesses e para contribuir responsávelmente para o bem comum".

(João Paulo II).



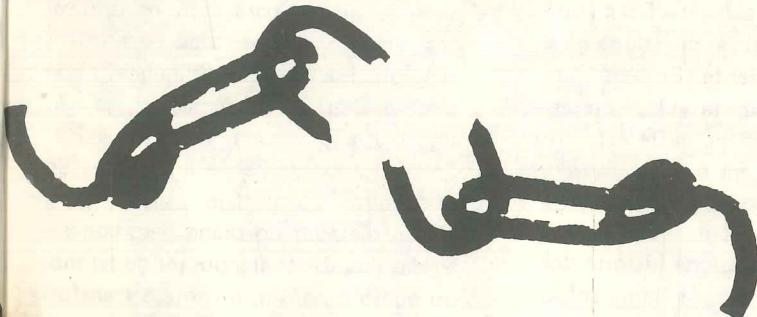


OPÇÕES PASTORAIS DA IGREJA NA AMÉRICA LATINA: LIBERTAÇÃO E PROCLAMAÇÃO DOS DIREITOS DA PESSOA

O que Paulo VI apresentou na "Evangelii Nuntiandi" reflete lucidamente a realidade de nossos países: "É bem sabido em que termos falaram, durante o último Sínodo, numerosos bispos de todos os Continentes e sobretudo os bispos do Terceiro Mundo, com um acento pastoral em que vibravam as vozes de milhões de

filhos da Igreja que constituem tais povos. Povos — já o sabemos — empenhados com todas as suas energias no esforço e na luta para superar tudo o que os condena a ficarem à margem da vida: fome, enfermidades crônicas, analfabetismo, empobrecimento, injustiça nas relações internacionais, especialmente nas de comércio,

a verdadeira libertação



situações de neocolonialismo econômico e cultural por vezes tão cruel quanto o político etc. A Igreja, repetiram os bispos, tem o dever de anunciar a libertação de milhões de seres humanos, entre os quais há muitos filhos seus; o dever de ajudar a nascer esta libertação, de dar testemunho da mesma, de fazer que seja total. Nada disto é estranho à evangelização" (n. 30).

Existem, porém, diferentes concepções e aplicações da libertação. Embora entre elas se descubram traços comuns, existem enfoques difíceis de se levar a uma adequada convergência.

Por isso, o melhor é oferecer critérios que emanam do Magistério e que servem para o necessário discernimento acerca da original concepção da libertação cristã.

Surgem dois elementos complementares e inseparáveis: a libertação de todas as servidões do pecado pessoal e social, de tudo o que transvia o homem e a sociedade e tem sua fonte de egoísmo, no mistério da iniqüidade, e a libertação para o crescimento progressivo no ser, pela comunhão com Deus e com os homens, que culmina na perfeita comunhão do céu, onde Deus é tudo em todos e não haverá mais lágrimas.

É uma libertação que se vai realizando na história, a libertação de nossos povos e a nossa própria pessoal, e abrange as diversas dimensões da existência: o social, o político, o econômico, o cultural e o conjunto de suas relações. Em tudo isso há de circular a riqueza transformadora do Evangelho, com sua contribuição própria e específica, que se deve salvaguardar. Do contrário, como adverte Paulo VI: "A Igreja perderia seu sentido mais profundo; sua mensagem não teria nenhuma originalidade e facilmente poderia ser monopolizada e manipulada por sistemas ideológicos e por partidos políticos" (EN 32).

A salvação que Cristo nos oferece dá sentido a todas as aspirações e realizações humanas, mas questiona-as e excede-as infinitamente. Embora "comece certamente nesta vida, tem sua plenitude na eternidade" (EN 27). Origina-se em Cristo, em sua encarnação, em toda a sua vida e alcança-se, de maneira definitiva, em sua morte e ressurreição. Prossegue na história dos homens pelo mistério da Igreja sob o influxo permanente do Espírito que a precede, acompanha e lhe dá fecundidade apostólica.

Esta mesma salvação, centro da Boa-Nova, é "libertação do que opõe o homem, mas sobretudo libertação do pecado e do maligno, na alegria de se conhecer a Deus e de se ser conhecido por Ele, de a pessoa O ver e de se entregar a Ele" (EN 9).

Mas esta salvação tem "vínculos muito fortes" com a promoção humana em seus aspectos de desenvolvimento e de libertação, parte integrante da evangelização. Estes aspectos brotam da própria riqueza da salvação, da ativação da caridade de Deus em nós, a que estes aspectos estão subordinados.

A Igreja "não necessita, portanto, de recorrer a sistemas e ideologias para amar e defender a libertação do homem e colaborar com ela: no centro da mensagem de que é depositária e pregueira, encontra inspiração para atuar em prol da fraternidade, da justiça e da paz; para agir contra as dominações, escravidões, discriminações, violências e atentados à liberdade religiosa, contra as agressões ao homem e tudo quanto atenta contra a vida" (João Paulo II).

O amor de Deus que nos dignifica radicalmente se faz necessariamente comunhão de amor com os outros homens e participação fraterna; para nós, hoje em dia, deve tornar-se sobretudo obra de justiça para com os oprimidos, esforço de libertação para quem mais precisa. De fato, "ninguém pode amar a Deus a quem não vê, se não ama o irmão a quem vê" (1Jo 4,20). Todavia a comunhão e a participação verdadeiras só podem existir nesta vida projetadas no plano bem concreto das realidades temporais, de tal modo que o domínio, o uso e a transformação dos bens da terra, dos bens da cultura, da ciência e da técnica se vão realizando em um justo e fraterno domínio do homem sobre o mundo, tendo-se em conta o respeito da ecologia. O Evangelho nos deve ensinar, em face das realidades em que vivemos imersos, que não se pode atualmente na América Latina amar de verdade o irmão nem portanto a Deus sem que o homem se comprometa em nível pessoal e, em muitos casos, até em nível estrutural com o serviço e promoção dos grupos humanos e dos estratos sociais mais pobres e humilhados, arcando com todas as consequências que se seguem no plano destas realidades temporais.



PONTOS A CONSIDERAR NA PASTORAL DA IGREJA NA AMÉRICA LATINA

A visão da realidade que acabamos de apresentar em seu contexto social mostra-nos que também o povo latino-

americano vai caminhando entre angústias e esperanças, entre frustrações e expectativas.

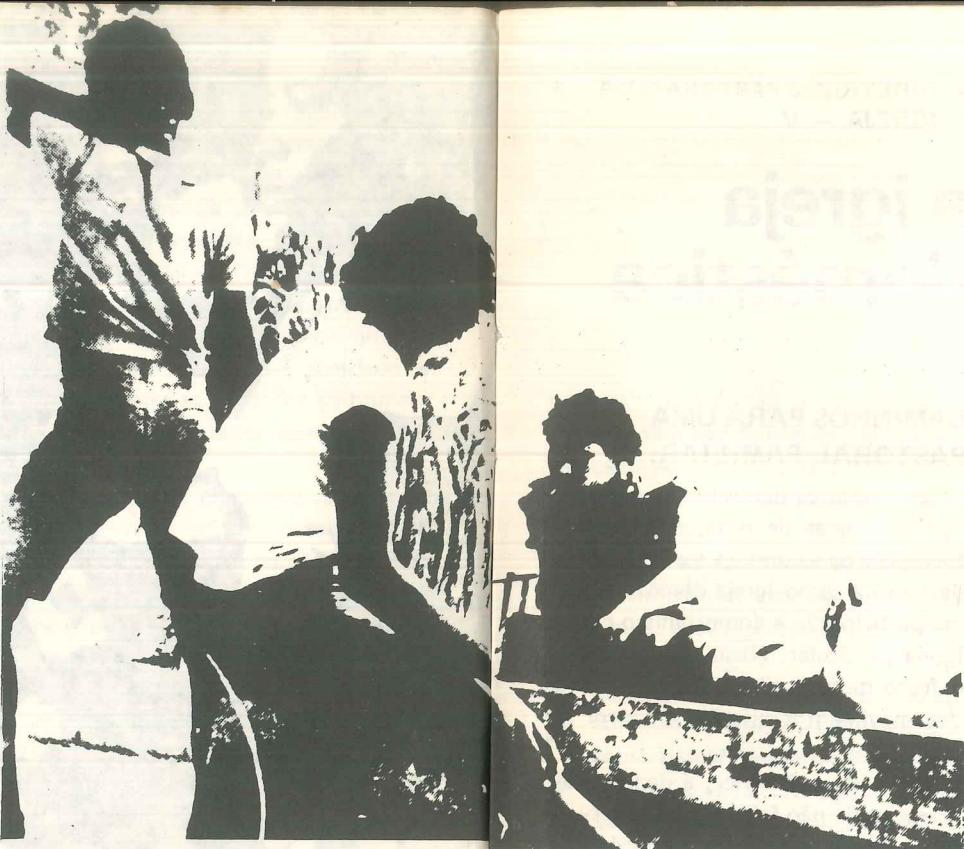
As angústias e frustrações, se as considerarmos à luz da fé, têm por causa o pecado, cujas dimensões pessoais e sociais são muito amplas. As esperanças e expectativas de nosso povo nascem de seu profundo sentido religioso e de sua riqueza humana.

Como tem olhado a Igreja para esta realidade? Como a tem interpretado? Tem descoberto, pouco a pouco, a maneira certa de enfocá-la, à luz do Evangelho? Tem chegado a discernir os aspectos em que ela ameaça destruir o homem, objeto de infinito amor de Deus? Em que outros aspectos, por sua vez, se tem realizado a Igreja, progressivamente, de acordo com os amorosos planos do Pai? Como é que ela se tem construído pouco a pouco, para realizar a missão salvadora que o Senhor Jesus lhe confiou e que deve projetar-se em situações concretas e atingir homens concretos? Que tem feito ela, diante da realidade em constante mutação, nos últimos dez anos?

Estas são as grandes perguntas que nos fazemos a nós mesmos como pastores e a que trataremos de responder, a seguir, tendo presente que a missão fundamental da Igreja é evangelizar, aqui e agora, com os olhos voltados para o futuro.

Assim, a Igreja tem conquistado paulatinamente a consciência cada vez mais clara e profunda de que a evangelização é sua missão fundamental e de que não é possível o seu cumprimento sem que se faça o esforço permanente para reconhecer a realidade e adaptar a mensagem cristã ao homem de hoje, dinâmica, atraente e convincentemente.

A ação pastoral planejada é a res-



posta específica, consciente e intencional às exigências da evangelização. Deverá realizar-se num processo de participação em todos os níveis das comunidades e pessoas interessadas, educando-as numa metodologia de análise da realidade, para depois refletir sobre essa realidade do ponto de vista do Evangelho e optar pelos objetivos e meios mais aptos e fazer deles um uso mais racional na ação evangelizadora.

A Igreja convida, pois, a uma renovada conversão no plano dos valores culturais, para que a partir daí se impregnem de espírito evangélico as estruturas de convivência. Ao convidar a uma revitalização dos valores evangélicos, ela insiste numa rápida e profunda transformação das estruturas, uma vez que estas estão destinadas



a conter, por sua própria natureza, o mal que nasce do coração do homem e se manifesta igualmente em forma social, e a servir como condições pedagógicas para uma conversão interior, no plano dos valores.

Assim Jesus, de modo original, próprio, incomparável, exige um seguimento radical que abrange o homem todo e todos os homens, que envolve todo o mundo e o cosmo todo. Esta radicalidade faz que a conversão seja um processo nunca encerrado, tanto em nível pessoal quanto em nível social. Porque, se o Reino de Deus passa por realizações históricas, não se esgota nem se identifica com elas.

Existe, pois, uma história humana que, embora tenha sua consistência própria e sua autonomia, está destinada a ser consagrada pelo homem a

Deus. A verdadeira libertação, com efeito, liberta de uma opressão para poder chegar a um bem superior.

Para que nossa doutrina social seja acreditável e aceita por todos, deve responder de maneira eficaz aos desafios e aos problemas graves que surgem de nossa realidade latino-americana. Homens diminuídos por carências de toda espécie reclamam ações urgentes em nosso esforço promocional que tornam sempre necessárias as obras assistenciais. Não podemos propor eficazmente esta doutrina sem sermos nós mesmos interpelados por ela em nosso comportamento pessoal e institucional. Ela exige de nós coerência, criatividade, audácia e entrega total. Nossa conduta social é parte integrante de nosso seguimento de Cristo. Nossa reflexão sobre a projeção da Igreja no mundo, como sacramento de comunhão e salvação, é parte de nossa reflexão teológica, porque "a evangelização não seria completa se não levasse em conta a interpelação recíproca que ao longo dos tempos se estabelece entre o Evangelho e a vida concreta, pessoal e social do homem" (EN 29).

É necessário criar no homem latino-americano uma sã consciência social, um sentido evangélico crítico face à realidade, um espírito comunitário e um compromisso social. Tudo isto tornará possível uma participação livre e responsável, em comunhão fraterna e dialogante, para a construção da nova sociedade, verdadeiramente humana, penetrada de valores evangélicos. Ela deve ser modelada em comunhão com o Pai, o Filho e o Espírito Santo e dará resposta aos sofrimentos e aspirações de nossos povos, cheios de uma esperança que não poderá ser iludida.

a igreja doméstica

CAMINHOS PARA UMA PASTORAL FAMILIAR.

Em todos os países têm surgido iniciativas dignas de nota, orientadas a fortalecer os valores e a espiritualidade da família como Igreja doméstica, numa participação e compromisso com a Igreja particular. Nisso tudo revela-se o fruto da ação silenciosa e constante dos movimentos cristãos em prol da família.

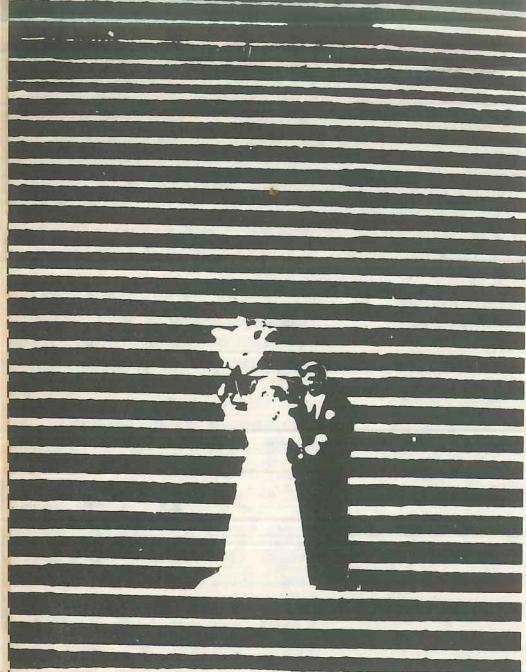
Em toda a América, é dado visitar "casas onde não faltam o pão e o bem-estar, mas talvez faltem a concórdia e a alegria; casas onde as famílias vivem antes modestamente e na insegurança do futuro, ajudando-se mutuamente a levar uma existência difícil, porém digna; habitações pobres das periferias de nossas cidades, onde há muito sofrimento escondido, embora exista dentro delas a singela alegria dos pobres; humildes choças de camponeses, de indígenas, de emigrantes, etc". (João Paulo II).

Opção básica: Tendo em consideração os ensinamentos de Medellin, de Paulo VI e o recente magistério de João Paulo II acerca da família: "Envidei todos os esforços para que haja uma pastoral da família. Dai assistência a um campo tão prioritário, na certeza de que, no futuro, a evangelização depende em grande parte da Igreja do-

méstica", ratificamos a prioridade da pastoral familiar dentro da pastoral orgânica na América Latina.

Propomos um esquema elementar da pastoral familiar:

- a) A pastoral familiar insere-se admiravelmente na pastoral de toda a Igreja: é evangelizadora, profética e libertadora.
- Anuncia o Evangelho do amor conjugal e familiar, como experiência pascal vivida na Eucaristia.
- Denuncia as falácia e corruptelas que embargam ou ensombram o Evangelho do amor conjugal e familiar.
- Procura caminhos para que os casais e as famílias possam progredir na sua vocação ao amor e em sua missão de formar pessoas, educar na fé, contribuir para o desenvolvimento. Nos casos tão freqüentes de famílias incompletas, devem-se buscar caminhos pastorais para sua devida assistência.
- Acolhe os casais e famílias, seja qual for a situação concreta de cada uma, e as acompanha com passos de Bom Pastor que lhes comprehende a fraqueza, ao ritmo de sua pobreza humana e de sua ignorância.
- b) Agentes desta pastoral são aqueles que se comprometem a viver o Evangelho na família e promo-



vem comunidades eclesiais familiares, reduzidas ou amplas.

- c) Oportunidades para desenvolver a pastoral familiar:
 - nas ocasiões ricas de graça salvífica, que sobrevêm aos casais e nas famílias: noivado, casamento, paternidade e educação dos filhos, aniversários, batizados, primeiras comunhões, festas e celebrações familiares, sem excluir as crises da sobrevivência familiar, horas dolorosas como a enfermidade e a morte.
 - Está intimamente relacionada com a pastoral social:
 - no trabalho em prol da criação de estruturas e ambientes que tornem possível a vida em família;
 - no lazer, providenciando ambientes seguros e construtivos para os filhos e para todos os jovens;
 - na cultura, comunicando valo-

res recebidos da história familiar e da história local;

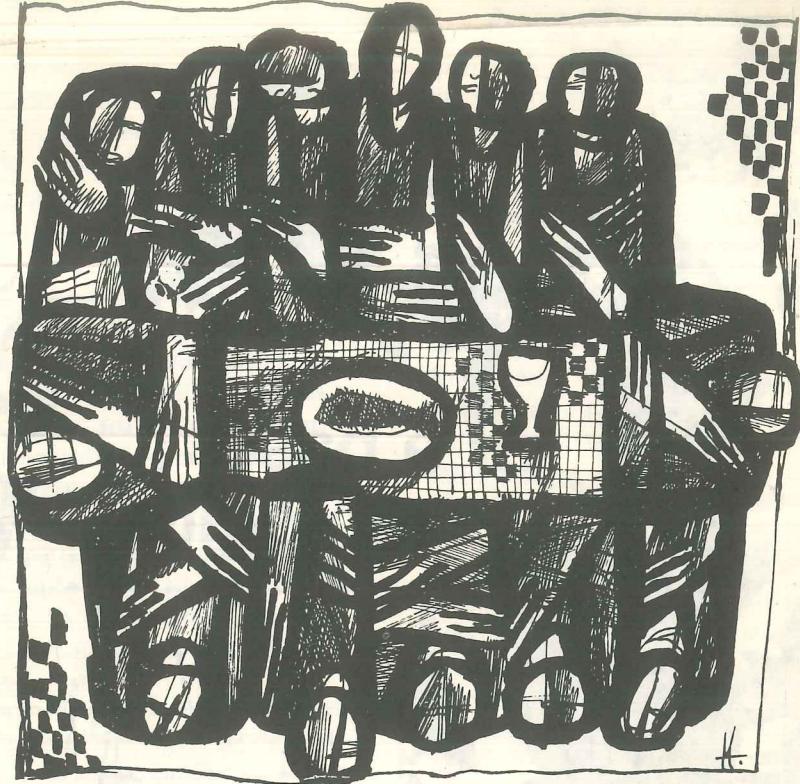
- no apostolado, unindo-se em comunidades intimamente relacionadas com a hierarquia e comprometidas com a Igreja particular.
- d) Baseando-se na Palavra, oferece princípios e modelos para a ação: preferência do "ser mais" sobre a tendência a possuir, poder, saber "mais", sem servir mais. Dar mais do que receber.
- e) A pastoral familiar desenvolve-se:
 - em atmosfera de confiança na verdade;
 - na integração dos valores naturais da família com a fé;
 - com um discernimento cristão das circunstâncias, em vista da tomada de decisões.

LINHAS DE AÇÃO

Siga-se fielmente esta recomendação: "Em defesa da família. . . a Igreja se compromete a prestar sua ajuda e convida os governos a que estabeleçam como ponto-chave de sua ação uma política sócio-familiar inteligente, audaz, perseverante, reconhecendo que nisto se cifra indubitavelmente o porvir — a esperança — do Continente" (João Paulo II).

Tanto nos seminários como nos institutos religiosos e outros centros, ministrar uma suficiente formação em pastoral familiar e, posteriormente, na formação permanente dos sacerdotes e demais agentes da evangelização.

Promovam-se e consolidem-se os movimentos e formas do apostolado familiar, respeitando seus próprios carismas dentro da pastoral de conjunto.



as opções do mfc

Depois de um longo processo de coleta de dados e de pontos de vista dos integrantes das bases do MFC na América Latina, o Movimento Familiar Cristão delineou as grandes pistas para a sua atuação no Continente.

O texto final que apresenta a auto-definição do MFC e os caminhos que suas bases desejam seguir, foi aprovado por sua Assembléia Geral Latino-Americana.

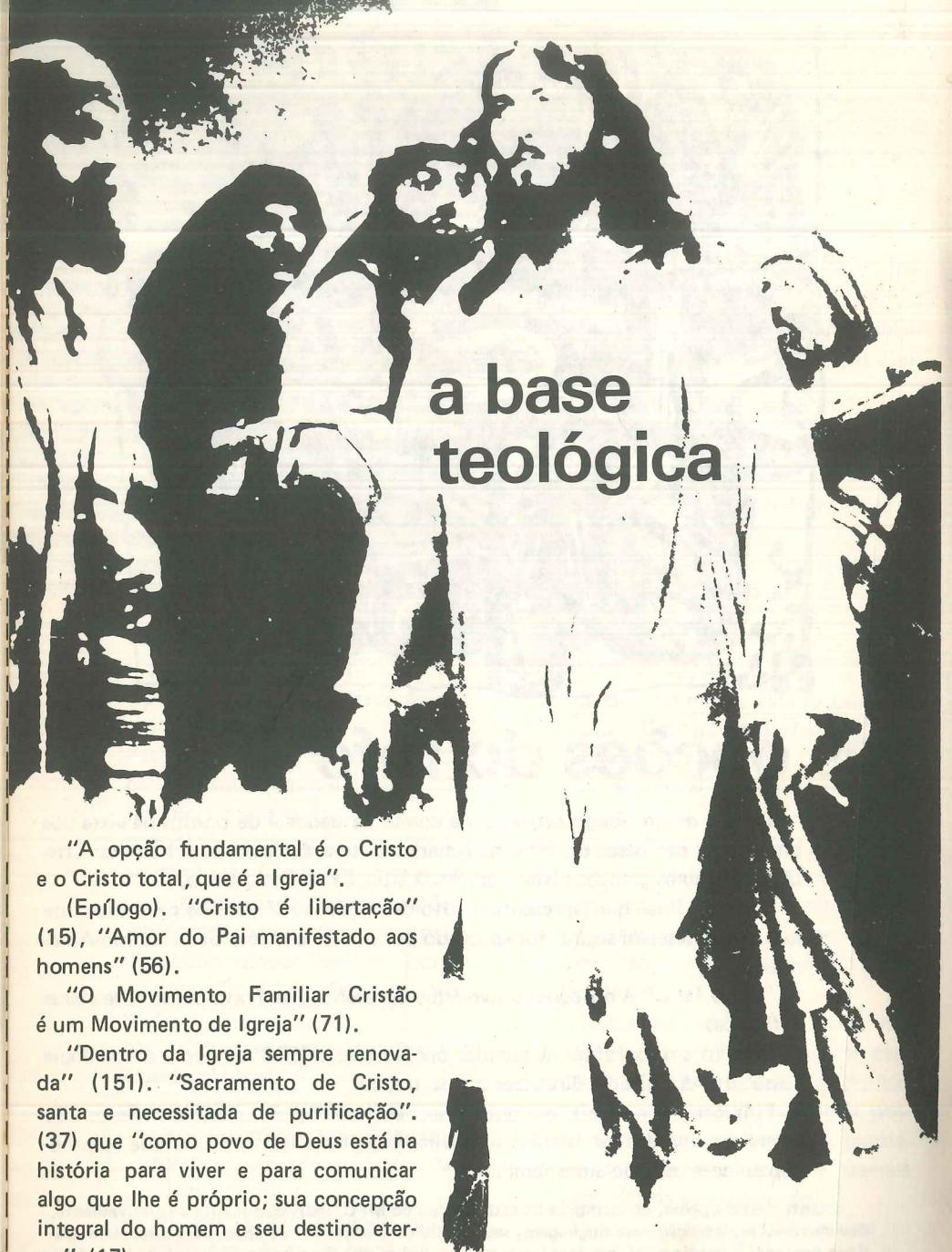
"Eis o MFC" é o pequeno livro que apresenta este texto denso e de claras definições.

Dele foram extraídas as grandes opções que o MFC faz como decorrência dessa auto-definição e diretrizes que se traçou.

Publicamos, a seguir, em quatro seções, essas opções que certamente irão interessar a todos os cristãos e movimentos, especialmente aos que se preocupam com os problemas familiares.

Dante dessas opções, os membros de cada núcleo do MFC, individualmente e coletivamente, devem rever sua atuação, sua linguagem, seus métodos e objetivos de ação, para uma clara unidade nacional e continental, em torno das grandes linhas que lhe dão uma identidade inconfundível.

- O QUE ESTAMOS DIZENDO E FAZENDO ESTÁ DE ACORDO COM ESSAS OPÇÕES?
- O QUE DEVERÍAMOS MODIFICAR NO QUE DIZEMOS E FAZEMOS, PARA MAIOR COERÊNCIA COM ESSAS OPÇÕES?



a base teológica

"A opção fundamental é o Cristo e o Cristo total, que é a Igreja".

(Epílogo). "Cristo é libertação" (15), "Amor do Pai manifestado aos homens" (56).

"O Movimento Familiar Cristão é um Movimento de Igreja" (71).

"Dentro da Igreja sempre renovada" (151). "Sacramento de Cristo, santa e necessitada de purificação". (37) que "como povo de Deus está na história para viver e para comunicar algo que lhe é próprio; sua concepção integral do homem e seu destino eterno". (17).

"O MFC é um Movimento de Leigos" (63). "Foi, desde sua fundação, um promotor do leigo" (7), de "um

42

Os números entre parênteses correspondem aos dos tópicos do livro "EIS O MFC".

laicato corresponsável, que ajuda a modificar a estrutura da Igreja" (154).

"É um Movimento evangelizador que está unido à hierarquia, mas não depende diretamente dela. Segundo o Concílio Vaticano II, há 2 tipos de Movimentos de leigos: primeiro, aqueles que a hierarquia associa estreitamente à sua missão, recebendo o nome de "Mandato". Segundo, aqueles constituídos por livre escolha dos leigos e dirigidos por seu prudente juízo". Em determinadas circunstâncias, a missão da Igreja pode cumprir-se melhor com essas obras". (cfr. A.A. Nº 24). O MFC pertence a este segundo tipo, o qual supõe leigos adultos e corresponsáveis na missão da Igreja, e de uma hierarquia em atitude aberta e não paternalista". (72).

"Como Movimento a serviço da Pastoral Familiar quer responder de modo efetivo a todas as famílias, qualquer que seja sua constituição e o grau de falhas que apresentem" (22). "O MFC considera a família não só como objeto de uma ação pastoral, mas como agente da mesma" (150). Por isso "a primeira meta do MFC constitui em resgatar a família de sua passividade, dinamizando-a; ressaltando seu valor sacramental e humano; inserindo-a na realidade de seu tempo e de seu espaço" (61).

Parece-nos que a pastoral familiar; na maioria das vezes, limitou sua ação a apontar as obrigações inerentes à unidade e indissolubilidade do matrimônio como Instituição". (175).

Para o MFC "a Pastoral Familiar se faz a partir dos diferentes tipos de famílias do Continente" (152). "Amplicando o conceito do que se entendia por família" (166), pois "não há famílias idealmente perfeitas" (168); e "a vivência do Sacramento do Matrimônio não supõe a existência de famílias idealmente perfeitas" (42), mas de famílias humanas nas quais "o Amor é o elemento essencial" (173) que lhes dá forma.

No ano 72, o VI ELA de Bogotá ampliou a reflexão sobre a realidade da família latinoamericana, a qual abrange uma grande quantidade do que se denominou "famílias incompletas". Entre essas estariam não somente aquelas em que faltasse a presença definitiva ou temporária do pai de família (viúvas, separadas, mães solteiras), mas também aquelas que careciam dos elementos para formar uma família; falta de amor que deve unir seus membros, falta de sentido de abertura à comunidade, falta de elementos materiais mínimos ou de possibilidade para obtê-los, falta de compreensão e vivência do Sacramento" (19).

"A vivência do Sacramento do Matrimônio não supõe a existência de famílias idealmente perfeitas". Supõe, isso sim, a existência de autênticas famílias humanas, dispostas a darem ao amor que une seus membros a amplitude da dimensão sacramental: que é "sinal" do amor Salvífico do Senhor, no contexto concreto em que é inserida.

Isso fez com que o MFC se abrisse a todas as famílias... para que através dos valores humanos, vejam a mensagem do Senhor aí contida, todos procurando ser objetos e sujeitos de evangelização (172)". "Devem-se buscar os mecanismos necessários para que, dentro das estruturas do MFC — em cada lugar — sejam alcançados os objetivos de serviço às famílias incompletas" (180).

"O amor é o elemento que faz do ser humano uma pessoa e o constrói,

43

em oposição ao egoísmo que utiliza o outro ser, despersonaliza-o e o destrói. E se o amor é o elemento essencial que deve ser a base fundamental de toda família, e que é também a exigência evangélica primordial, ela tem que se tornar mais evidente dentro da família cristã" (173).

"O amor dos esposos é um amor existencial e dinâmico, não conceitual e estático, que se vai construindo com o correr dos anos, dos dias e das horas, na dinâmica da relação interpessoal e familiar. E essa dinâmica amorosa — constituída de totalidade e limitações; do sim, do não e do talvez; de riqueza e pobreza; de fidelidade e de faltas — é sinal, testemunho portador real e eficaz (sacramento), do mistério da salvação do Senhor. Assim como a Igreja, Sacramento de Cristo, santa e necessitada de purificação, o matrimônio caminha entre a graça e o pecado, entre a limitação e a plenitude ansiosamente perseguida, mas nunca alcançada, manifestando em diversos graus e formas seu valor transcendente" (37).

"Para a vivência da espiritualidade conjugal, é necessário aprofundar o amor humano entre homem e mulher, com todas as suas implicações (. . .); este amor, que pode ser analisado em seus diversos aspectos (sexualidade, amizade, socialização) forma um todo, uma realidade integral" (32).

"Cada casal cristão deve saber descobrir em cada uma das facetas de sua vida os valores que a transcendem

(. . .) de tal forma que na manifestação de entrega de uma pessoa a outra — apesar de sua limitação e insegurança ante o futuro — dê o sinal de entrega definitiva ao totalmente outro, a Deus" (35).

"A sexualidade, atração pelo outro sexo, é um dom específico do Senhor, que faz o homem de todos os tempos clamar: "Isto sim é carne de minha carne e osso de meus ossos"; e constitui um veículo fundamental de comunicação entre homem e mulher (. . .) orientado para a comunicação, doação, aceitação, complementariedade e amizade conjugal dos seres humanos" (33).

"O amor conjugal vivido pelos cristãos em qualquer contexto sociológico e cultural é sacramento, sinal transmissor do amor que o transcende e nele se realiza" (28). "Esta dupla perspectiva do matrimônio (. . .) nem sempre tem sido compreendida através da história" (29). Não compreendemos facilmente como uma realidade que, sendo relativa e imperfeita por ser humana, possa ser, ao mesmo tempo, um sacramento de salvação e portanto, permanente e perfeito" (30). O Sacramento não santifica as formas sociais e culturais do matrimônio, mas a relação interpessoal que cada casal vive e expressa de forma diferente" (31). O Sacramento não está ligado a um determinado tipo de família, tal que possamos chamá-la "família cristã", mas à própria dinâmica do amor, doação e aceitação mútuas" (40).

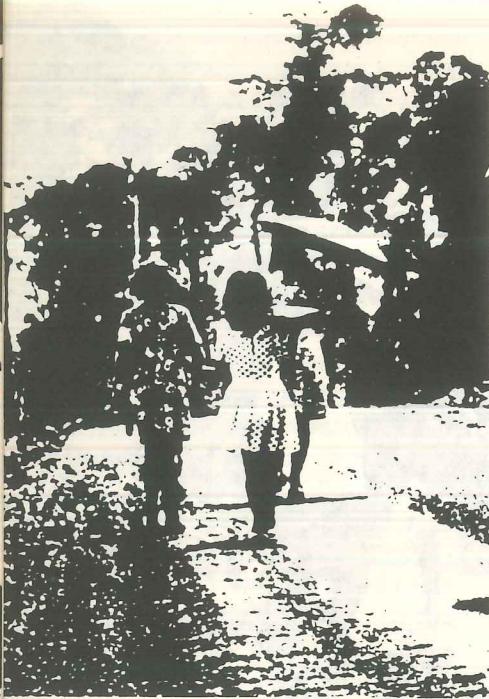
- **O QUE DIZEMOS E FAZEMOS HOJE ESTÁ DE ACORDO COM ESTAS OPÇÕES?**
- **O QUE DEVEMOS FAZER CONCRETAMENTE PARA QUE NOSSA ATUAÇÃO SEJA MAIS COERENTE COM ESSAS OPÇÕES?**

OPÇÕES DO MFC — II



a missão da família

"A família recebeu em diferentes momentos da história e no Concílio Vaticano II o lindo e merecido nome da Igreja Doméstica. Isso significa que em cada família cristã deveriam refletir-se os diversos aspectos da Igreja inteira" (E.N. 71), o que supõe a vivência familiar da fé, da esperança e do amor, que se hão de expressar, entre outras formas, na liturgia familiar, na comunhão e participação e na reconciliação. Na família cristã encontram seu pleno desenvolvimento quatro relações fundamentais da pessoa humana: "paternidade, filiação, fraternidade e



nupcialidade. Essas mesmas quatro relações compõem a vida da Igreja: "experiência de Deus como Pai, experiência de Cristo como Irmão, experiência de sermos filhos em, com e pelo Filho, experiência de Cristo como esposo da Igreja (...)" (Puebla-538). Porque "a família é Imagem de Deus, que em seu mistério mais íntimo não é sólido, mas uma família. É uma aliança de pessoas às quais se chega por vocação amorosa do Pai, que convida os esposos a uma íntima comunidade de vida e de amor" (Puebla 582).

"A família Igreja Doméstica, vai-se tornando evangelizadora tanto dentro dela, como para com a Comunidade, anunciando a Boa Nova através do testemunho, a proclamação explícita da mensagem de Jesus, em união com a Igreja e como participantes da construção do Reino. (E.N. 21, 22, 23, 24). Portanto, dentro da família (...) todos os seus membros evangelizam e são

evangelizados. (E.N. 71)".

"Na comunidade, a família, como Igreja Doméstica, está chamada a ser evangelizadora, profética e liberadora" (Puebla 591).

"O MFC procura (...) tornar seus membros conscientes do que significa ser a família Igreja Doméstica, onde se vive o vínculo do amor, de comunhão de vida, de fé e de oração, de testemunho e compromisso (...) para que a família — Igreja Doméstica — não seja uma ilha, mas sim integrada a outras famílias, para viver autêntica vida de comunidade cristã, a fim de obter elementos para serem fermento na Comunidade".

"O MFC, como Movimento de leigos, é em essência um Movimento evangelizador" (48).

"Como Movimento evangelizador espera de seus membros o aprofundamento da missão da família, a vivência do valor da oração e dos sacramentos" (145).

"O MFC considera a família não só como objeto de uma ação pastoral, mas também como agente dessa mesma pastoral. Estas não são duas ações diferentes independentes; ao contrário, devem ser simultâneas dentro de um mesmo processo: ao mesmo tempo que vamos sendo evangelizados, devemos evangelizar. Este processo durará sempre, pois temos que ser permanentemente evangelizados e também permanentemente exercer nossa ação pastoral. A família cristã, com todas as suas limitações, imperfeições e fraquezas, é que tem que ser agente dessa evangelização" (150), qualquer que seja sua constituição e o grau de carência que apresente" (178).

"O MFC, como Movimento Apostólico de Igreja, pretende motivar, orientar e apoiar seus membros — e todos

aqueles a quem possa atingir — para que vivam mais plenamente seu compromisso cristão no mundo" (105). Por isso o MFC está formado por famílias que assumam o compromisso matrimonial, não como mera experiência pessoal, mas principalmente como experiência de amor social, abertas ao mundo, como colaboradores do Pai, na criação de uma humanidade mais justa" (Epílogo-2).

O MFC promoverá a mudança social através da família:

A) — Conscientizando:

- 1) — a família marginalizada, sobre seus direitos e deveres;
- 2) — as famílias que tem bens de qualquer tipo, sobre a situação de injustiça, para que elas contribuam para o bem da comunidade, com uma atitude de serviço.

B) — Assumindo posições políticas como coletividade, pronunciando-se contra tudo aquilo que afete a família.

C) — Mediante o testemunho de vida de seus membros.

D) — Tentando levar à prática uma mudança, no sentido de uma ordem nova, para se adequar ao mundo e à Igreja no momento atual e na realidade latino-americana.

Estando conscientes da possibilidade de serem usados como instrumento de

entidades políticas ou ideológicas opostas (154).

O MFC "é em sua essência, um Movimento de ação apostólica" (145); toda esta ação deve tender à mudança.

Mudança das pessoas e das famílias, o que seria uma mudança no sentido da conversão. Mas também mudança da sociedade. Esta mudança deve ser de superação, de transformação da realidade circundante" (145).

É necessário que a mudança, através das pessoas chegue também à realidade circundante: econômica, social, política, religiosa" (147). Para isso "o MFC realizará uma ação capaz de influenciar as estruturas sociais desumanizantes" (163).

E "o MFC procura preparar a família para integrar-se no processo de mudança de estruturas injustas. Para isso:

- trabalha para que a educação no amor chegue até a raiz de todos os problemas que causam distintas formas de opressão;
- procura viver uma autêntica escala de valores que levem à formação de homens novos, com um estilo de vida austero, baseado no uso correto dos bens materiais" (VI ELA DE BOGOTÁ) (14).

Assim, a necessidade prioritária seria propiciar uma mudança estrutural, para criar condições de justiça que tornem possível à família realizar-se humanamente e cumprir sua missão social" (131).

- O QUE DIZEMOS E FAZEMOS HOJE ESTÁ DE ACORDO COM ESTAS OPÇÕES?
- O QUE DEVEMOS FAZER CONCRETAMENTE PARA QUE NOSSA ATUAÇÃO SEJA MAIS COERENTE COM ESSAS OPÇÕES?



a promoção da justiça

O MFC E A OPÇÃO PELA PROMOÇÃO DA JUSTIÇA

O MFC realiza esta missão mediante uma dupla ação:

- 1) — Denunciando "as SITUAÇÕES DE INJUSTIÇA".
 - As de ordem sócio-econômica, que empobrecem a maior parte da população e produzem desigualdades sociais entre os poucos que tem tudo e os muitos que não tem quase nada.
 - As de ordem política, que excluem da participação na or-

ganização social da imensa maioria da população e produz regimes de força injustos.

- As de ordem sócio-cultural, que marginalizam grupos ou pessoas no campo educativo ou social. Neste campo, o MFC dá ênfase a abrir-se às famílias que, na América Latina, não estão unidas por vínculos civis ou religiosos, às mães solteiras, às mães separadas, às viúvas e às divorciadas ou que voltaram a casar-se.
- 2) — ANUNCIANDO "de forma decidida a PROMOÇÃO DA JUSTIÇA (...) na luta contra toda forma de OPPRESSÃO" (160) Por tudo isso, "o MFC quis tornar conscientes as famílias que pertencem a ele, de que seu compromisso como cristãos implica em uma AÇÃO DA FAMÍLIA, EM FAVOR DA JUSTIÇA, na construção de um mundo mais humano" (156). Como manifestação de que "o amor vivido na fé (...) obriga-nos a comprometer-nos com uma MUDANÇA NO SENTIDO DA JUSTIÇA, o que se fará com ou sem os cristãos" (16).

AS METAS PARA A PROMOÇÃO DA JUSTIÇA

A primeira meta do MFC constitui em resgatar a família de sua passividade, dinamizando-a; realçando seu valor sacramental e humano; inserindo-a na realidade de seu tempo e de seu espaço e conseguir que a relação conjugal, impregnada de amor, seja a base constitutiva da família cristã.

"A família Igreja Doméstica responde de "aqui e agora" à interpelação do

Senhor. Para isso, deve observar e analisar atentamente os sinais dos tempos e conhecer a realidade em que vivemos e vivem nossos irmãos, conscientizando-se da situação de injustiça de toda ordem (religiosa, social, cultural, econômica e política) com o fim de anunciar nesta realidade a salvação de Cristo e denunciar tudo aquilo que vai contra a dignidade da pessoa" (52).

"A família é verdadeiramente a Igreja Doméstica que se projeta como sinal de salvação integral" (56).

"Desde sua fundação, o MFC assume que o amor entre homem e mulher (...) é um fato social (...); que a família (...) deve ser construtora da sociedade (...) salvadora da comunidade (...); o MFC vai entrevendo que a mudança que a Igreja pede não está apenas no coração do homem, como também nas estruturas sociais injustas" (13).

A "Dimensão política, constitutiva do homem, tem como fim o bem comum" e a fé cristã a valoriza e julga (164).

Por isso, "o MFC como instituição, deverá adotar uma atitude cívica e política, construtivamente crítica, que ajude ao desenvolvimento de toda a sociedade, tendo o cuidado de não se identificar com ideologias, sistemas, governos e partidos políticos" (165). "O MFC promoverá o campo social... assumindo posições políticas como coletividade, pronunciando-se contra tudo aquilo que afete à família". (154)

"Se falamos de mudança nas pessoas, queremos dizer: a transformação que se opera no fundo do ser para que se produzam homens novos". (146). E o MFC "através da família atuará no campo social (...) tentando levar à prática uma mudança no sentido de uma NOVA ORDEM" (154); assim a

utopia do MFC procura que suas famílias se disponham a "lutar pela civilização do amor" levando a sociedade na direção de uma NOVA ORDEM (Epílogo 4).

O MFC faz "uma opção de preferência e solidariedade com os pobres" (163). "Para o MFC, a opção preferencial pelos pobres que a Igreja fez em Puebla significa:

- Que o MFC deve estar sempre aberto às diferentes camadas sociais" (164); mas que "aos poucos se sentirá cada vez mais obrigado a dirigir seus esforços para aqueles irmãos que mais os necessitem" (62).
- "Que o MFC quer ver a situação social através da realidade em que vivem os pobres, para denunciar, por esta visão, as situações de injustiça" (164).
- "Que o MFC procurará (...) por solidariedade com os mais pobres (164) formar "famílias austeras", que para atender às suas necessidades cotidianas, recorram ao seu trabalho honesto, ao esforço positivo, superando os critérios e valores materialistas, hedonistas e egoístas das sociedades de consumo; e que com este espírito de pobreza e austeridade compartilhem o ser, o agir e o ter, no uso correto dos bens, em uma autêntica escala de valores. (Epílogo 3).

"O MFC, como parte do povo de

Deus, assume o compromisso com a libertação e promoção integral do homem que exige uma dupla ação: profética e libertadora" (163). Isto exige "integrar a família no trabalho pastoral da Igreja e no processo de libertação de todas as escravidões que nos prendem" (58). Para isso "o MFC deve observar como à sua volta parece se perderem os valores da autêntica vida familiar e se dificulta sua própria existência, por causa da injustiça institucional" (65). Para isso "se há de impelir seus membros (...) a que procurem perseguir uma sociedade mais justa e fraterna" (94).

Este compromisso responde:

Primeiro às "necessidades nascidas das atuais estruturas que criam uma situação sócio-econômica e política na qual existe uma grande maioria sem possibilidades de desenvolver-se humanamente. E, segundo: que tudo aquilo que impeça a realização do homem, mantido em condições de vida injustas, de opressão, deve ser um motivo de denúncia do cristão e de anúncio do evangelho, para buscar estruturas orientadas para uma humanidade mais justa.

Por isso "nossas famílias necessitam de senso crítico e libertador" (136), presente naquelas que se expressam como comunidade familiar, como Igreja Doméstica, (...) evangelizadora, profética e libertadora" (50).

comunidades familiares



- O QUE DIZEMOS E FAZEMOS HOJE ESTÁ DE ACORDO COM ESTAS OPÇÕES?
- O QUE DEVEMOS FAZER CONCRETAMENTE PARA QUE NOSSA ATUAÇÃO SEJA MAIS COERENTE COM ESSAS OPÇÕES?

"O MFC é uno na América Latina e congrega famílias de boa vontade que assumem um compromisso de serviço ao homem e à família no contexto atual" (59). "Admitida a opção do MFC de evangelizar a partir do interior das equipes, fazendo de todos os membros sujeitos e não somente objetos de sua própria evangelização (...) podem ser membros do MFC todas as famílias de boa vontade" (91), "qualquer que seja sua constituição e o grau de carência que apresentem" (178).

"O ser do MFC não aparece em sua totalidade em um determinado momento, mas evolui como todo corpo vivo, pessoal ou social. Por outro lado, é um Movimento apostólico, que cresce com a Igreja em seu processo de comunidade de fé" (78).

"O MFC tem uma mensagem válida para famílias concretas, com um ideal de vida cristã". (79).

Por isso o MFC opta por um processo catecumenal, que se sintetiza nas seguintes fases do processo:

1. "atração das pessoas ao MFC: captação (78) ou nucleação".
2. Equipes de iniciação — "Não se pertence imediatamente ao MFC. Tem-se que passar por uma etapa de iniciação, que serve ao mesmo tempo para que os novos integrantes pensem realmente se querem pertencer ao MFC". (86).
3. Primeira opção: Decisão de entrar para o MFC: — Os casais viveram no MFC uma etapa de iniciação, mas é importante que cheguem a uma decisão consciente de pertencer ao MFC e de passar pela etapa de formação". (89).
4. Equipes de formação: "Depois da decisão de entrar para o MFC, as Equipes de iniciação constituem

Equipes do MFC, em etapa de formação". (90).

5. Segunda opção: Decisão de continuar como Comunidades familiares de Base. "A etapa de formação sistemática é transitória. O MFC é consciente de que não deve pretender reter seus membros indefinidamente. Passada a etapa de formação, os casais podem retirar-se do MFC para continuar seu caminho de cristãos comprometidos no mundo, através de estruturas sociais, civis ou religiosas. Mas podem também continuar dentro do MFC como comunidades familiares de base.

"O MFC deve levar em conta para seus meios de formação os seguintes aspectos:

1. A temática não pode reduzir-se somente ao estudo dos problemas da vida conjugal e familiar em seus aspectos meramente humanos (psicológicos, econômicos, biológicos, etc. . .).
2. A problemática conjugal e familiar, ainda que iluminada pela fé, não pode ser analisada, nem mesmo pode chegar a um bom resultado se não a situarmos em seu contexto social, onde estão suas causas e raízes.
Para isso é imprescindível que os diferentes aspectos da vida conjugal e familiar sejam confrontados com os mecanismos e estruturas sócio-econômicas, políticas e culturais que incidem sobre ela.
3. A formação do MFC deve ser um catecumenato que se persiga através de uma apresentação clara e concisa da história da salvação-libertação, complementada com a doutrina social da Igreja. Nela estão

presentes os elementos básicos da fé cristã, de onde emergem os valores e as responsabilidades da pessoa, do casal e das famílias estabelecendo uma fundamentação teológica que seja como um fio condutor de todo o processo de formação. Com isso, a teologia ilumina e oferece soluções para os problemas humanos e ao mesmo tempo, dentro deste processo pedagógico, se torna mais clara e assimilável a história da salvação". (110).

As Comunidades Familiares de Base se caracterizam por:

"Uma profunda formação catequética na fé a partir da vida, buscando uma síntese teológica para leigos que queiram viver sua espiritualidade familiar, comprometida na construção de um mundo cada vez mais justo, livre e humano".

"Uma experiência comunitária de fé em vivências de oração, Eucaristias e espiritualidade dos tempos litúrgicos, com mais profundidade que na etapa anterior".

"Uma experiência de comunidade familiar, com o espírito de Igreja Doméstica, inserida na comunidade local".

"As comunidades Familiares procurarão viver os valores humanos e cristãos de justiça, solidariedade, austeridade, pobreza, ajuda mútua; e talvez em alguma forma de comunidade de bens, como um ideal que se pretende atingir". (102).

O MFC quer ficar configurado por "Famílias que, com espírito realista, conhecem as suas próprias limitações

e as do MFC, e que valorizem a força de unir-se a outras, em Equipes, para assumir as mudanças do mundo em formar Comunidades que dêem uma resposta de fé". (Epílogo 5). Isto "requer um autêntico sentido de Comunidade" (16) para o que o MFC insiste em que "seus membros e dirigentes procurem formar uma comunidade aberta e eficaz" (68). "Comunidade de fé" (74). "Comunidade de Amor" (75). "Comunidade de Oração" (77).

Ao finalizar a etapa de formação o Movimento que não pretende reter os seus membros, lhe "oferece também continuar dentro do MFC como Comunidades Familiares de Base, com compromissos apostólicos estáveis; esses compromissos apostólicos podem ser: — Como membros de uma comunidade familiar exercendo o apostolado individual ou coletivamente, bem como dirigentes dentro da organização do MFC, ou nos diferentes apostolados e meios de ação, ou em qualquer campo de pastoral em representação deste. — Como membros de uma Comunidade Familiar do MFC exercendo o apostolado fora do MFC, a título pessoal independente da instituição do MFC". (100).

"A Pastoral é a ação de toda a Igreja, que procura iluminar, criar e fortalecer a comunidade em que Cristo está presente, como Sacramento de Salvação" (149).

"O MFC está a serviço da Pastoral no campo da Família" (148).

- **O QUE DIZEMOS E FAZEMOS HOJE ESTÁ DE ACORDO COM ESTAS OPÇÕES?**
- **O QUE DEVEMOS FAZER CONCRETAMENTE PÁRA QUE NOSSA ATUAÇÃO SEJA MAIS COERENTE COM ESSAS OPCÕES?**

SUGESTÃO PARA PROGRAMAS DE ESTUDO DA REALIDADE; DE PLANEJAMENTO DE AÇÕES CONCRETAS DE PROMOÇÃO FAMILIAR; E DE ATUAÇÃO ORGANIZADA PARA A ELABORAÇÃO DE UMA POLÍTICA SOCIAL FAMILIAR.

o mfc quer reproduzir, nas bases, o VIII encontro latino-americano

- este número especial de **FATO E RAZÃO** oferece um roteiro e matéria selecionada para este fim;

roteiro

1º TEMPO

ANÁLISE DAS FUNÇÕES FAMILIARES E DA SITUAÇÃO EM QUE VIVEM AS FAMÍLIAS NO BRASIL E NO CONTINENTE LATINO-AMERICANO.

- leitura individual ou grupal dos artigos das páginas 3 a 23
- reflexão ou debates preliminares sobre a situação descrita
- anotações pessoais sobre o assunto, a partir das questões apresentadas no final de cada artigo.

2º TEMPO

RECONHECIMENTO DAS DIRETRIZES E PRIORIDADES PASTORAIS DA IGREJA, NA AMÉRICA LATINA.

- leitura individual ou grupal dos artigos das páginas 25 a 40
- reflexão ou debates preliminares sobre estas diretrizes
- anotações pessoais sobre o assunto, em resposta às questões formuladas no final dos artigos.

3º TEMPO

- estudo das opções do MFC, muitas das quais são válidas para outros movimentos familiares; nas páginas 41 a 53
- reflexão ou debates preliminares sobre as questões propostas
- distribuição da elaboração de respostas escritas às questões, cabendo a cada membro do MFC local estudar e posicionar-se frente a uma ou várias daquelas opções.

4º TEMPO

- encontro geral do movimento local, para confronto das respostas, posições, conclusões pessoais e anotações elaboradas ao longo do processo preparatório aqui proposto
- plenários sucessivos de motivação e de introdução dos temas correspondentes aos 3 primeiros tempos deste roteiro
- mesas-redondas ou trabalho de grupos para debate das anotações pessoais e conclusões grupais, seguidos de novos plenários de confronto geral para conclusões de conjunto
- o tempo necessário para um bom trabalho, sugere a escolha de um fim-de-semana para este encontro geral
- elaboração, a cargo de comissão, de pistas para uma reformulação da atuação do movimento nos seus diversos níveis.

5º TEMPO

- leitura das conclusões do VIII encontro latino-americano do MFC.
- distribuição, entre os membros do MFC, dos diversos campos de atuação, ali mencionados, cabendo, a cada um, estudar um dos campos, seguindo o roteiro proposto na página 56, e procurando a ajuda de especialistas, de pessoas experimentadas e mesmo de profissionais das áreas científicas e técnicas relacionadas com o campo que lhe coube estudar
- elaboração pessoal, ou em equipe, de programas concretos de ação individual e de atuação conjunta para o MFC local, no campo estudado
- coleta dessas contribuições pelas equipes dirigentes para a elaboração de um ante-projeto de Plano de Conjunto que reformule a ação do MFC local.

6º TEMPO

- reunião geral para debate e aprovação do Plano de Ação
- organização de formas de treinamento, reciclagem e formação de dirigentes e membros do MFC envolvidos na ação planejada
- divisão de encargos e responsabilidades, com a reestruturação da organização do movimento para atender às exigências do Plano de Ação.

- ROTEIRO PARA UMA REVISÃO CRÍTICA DA ATUAÇÃO DO MFC NOS DIVERSOS CAMPOS ABORDADOS NESTA SÍNTESE (Por exemplo: Encontros de Casais, Preparação para o Casamento, Formação de novas Equipes, etc.).
- O GRUPO QUE VAI REALIZAR ESTA REVISÃO E APONTAR PISTAS PARA UMA REFORMULAÇÃO DA ATUAÇÃO DO MFC NA SUA CIDADE, DIOCESE, ESTADO OU REGIÃO PODERIA ADOTAR OS SEGUINTE OBJETIVOS E MÉTODOS DE TRABALHO:

I. OBJETIVO

1. Apreciar criticamente a atuação do MFC neste campo, frente ao QUADRO REFERENCIAL formado por:

- melhor conhecimento da realidade em que vivem as famílias na AL;
 - opções do MFC e de toda a Igreja, na América Latina;
 - dados conhecidos das ciências humanas e da teologia;
 - exigências e desafios do Evangelho; o Reino de Deus; Conversão.
2. Identificar e qualificar as diferentes modalidades da atuação do MFC, no campo estudado, clarificar os objetivos gerais da atuação do MFC neste campo, e os objetivos específicos de cada modalidade de atuação identificada e qualificada;

3. Apontar dificuldades, pontos de apoio e riscos que envolvem a atuação do MFC neste campo;

4. Indicar pistas para superação das dificuldades, melhor aproveitamento dos pontos de apoio, e neutralização dos riscos identificados, para melhor

adequação desta atuação do MFC com as exigências do QUADRO REFERENCIAL acima descrito.

II. MÉTODO DE TRABALHO

1. Leitura e debate das conclusões do VIII ELA, como texto-base de estudo. Depoimentos, comentários, críticas ao texto. Destacar o que se referir especialmente ao campo de ação em estudo.

2. Tipologia: Identificação das diferentes modalidades de atuação no campo abrangido pelo trabalho do grupo; descrição concisa de cada modalidade.

3. Objetivos: Definição dos objetivos gerais do MFC em sua atuação neste campo; Clarificação dos objetivos específicos de cada modalidade particular de atuação do MFC neste campo.

4. Dificuldades: Levantamento dos principais obstáculos ou dificuldades que encontram os que atuam neste campo.

5. Pontos de Apoio: Levantamento dos incentivos e pontos de apoio que animam os que atuam neste campo.

6. Riscos: Identificação dos riscos que envolvem esta atuação do MFC.

7. Pistas para a superação das dificuldades localizadas.

8. Sugestões para melhor aproveitamento dos incentivos e pontos de apoio.

9. Recomendações para a neutralização ou atenuação dos riscos identificados.

10. Recomendações práticas sobre metodologia, dinâmicas, conteúdos, recursos auxiliares, difusão e avaliação sistemática da atuação do MFC no campo estudado.

Por longos anos reboarão entre nós os ecos da memorável visita de João Paulo II ao Brasil. Quanto à sumula dos ensinamentos do Papa nesses curtos dias, ninguém as sintetizou melhor, a meu ver, do que o teólogo franciscano Frei Leonardo Boff. Como esta esplêndida síntese, publicada na Folha de S. Paulo, pode ter escapado a muitos leitores, peço vênia para transcrevê-la na íntegra. (Alceu Amoroso Lima)



o saldo da visita

frei Leonardo Boff

Um ponto vigora com senso unânime: o maior saldo da visita do Papa ao Brasil é o próprio Papa. Nele a personalidade é mais importante do que sua própria mensagem. Sua profunda religiosidade, sua cristalina humanidade, sua calorosa cordialidade, sua fome e sede de justiça social, particularmente pelos empobrecidos alimentarão a memória coletiva de nossa geração, como um permanente marco de referência. Parafraseando o poeta Pablo Neruda, vale dizer: foi memorável e ao mesmo tempo dilacerador, para o Papa, ter encarnado, para a maioria dos brasileiros, durante 12 dias, a esperança. Apesar de todas as contradições do momento, jamais foi tão verdadeira, quanto agora, a consigna: o Brasil é um País de Esperança. Por causa de João Paulo II.

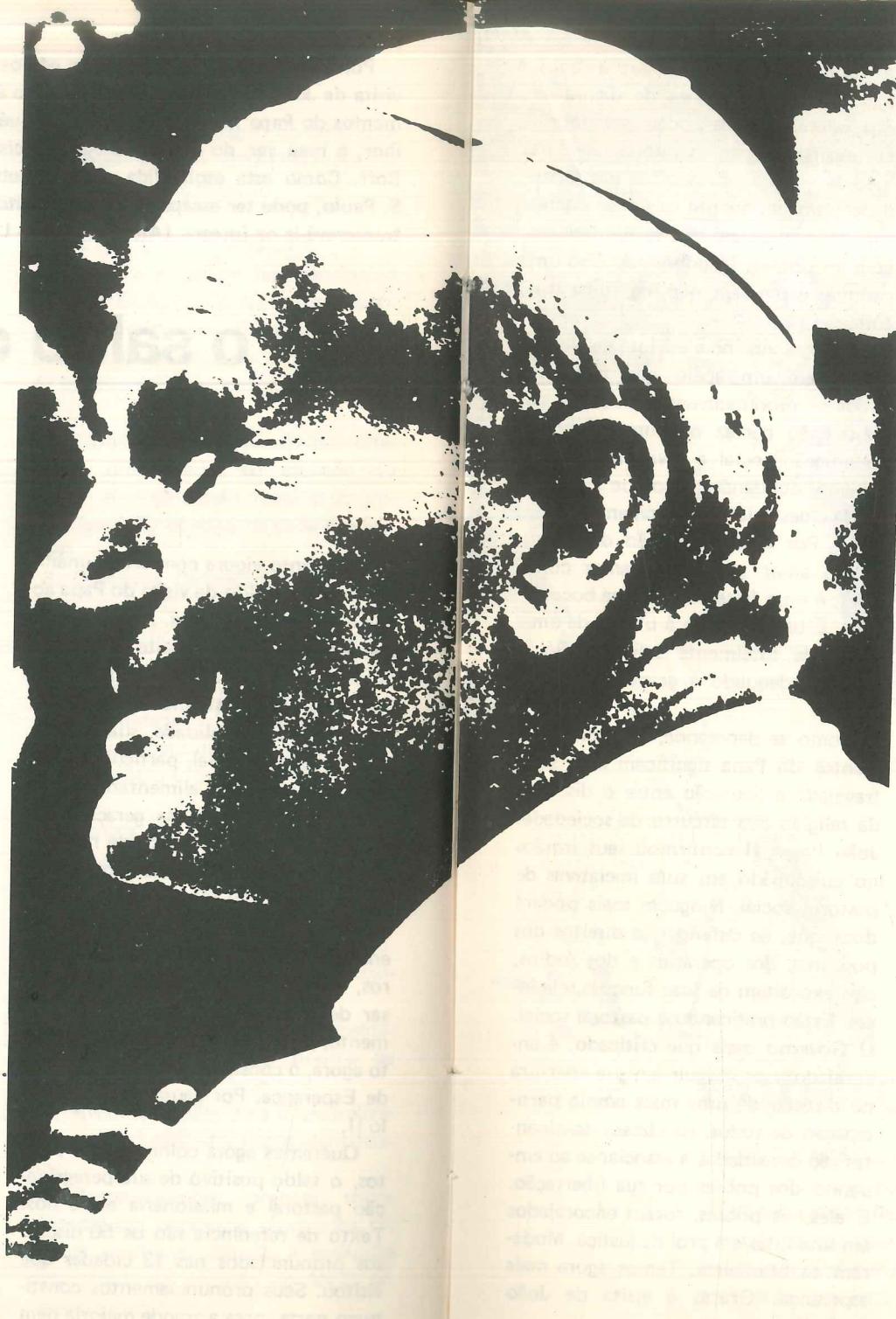
Queremos agora colher, em 10 pontos, o saldo positivo de sua peregrinação pastoral e missionária entre nós. Texto de referência são os 50 discursos pronunciados nas 13 cidades que visitou. Seus pronunciamentos constituem parte, para a grande maioria nem

a mais importante, do evento global, onde as multidões, as ovações, os "slogans", as celebrações e a expectativa geral desempenharam papel decisivo. O sentido das homilias do Papa desborda de sua letra; ele foi amplificado pela caixa de ressonância do povo; este foi co-autor dos pronunciamentos papais, na medida em que o crepitante aplausos e a proclamação de "slogans" (como "João, João, João, o Papa é nosso irmão") colocavam acentos novos, especialmente em torno da temática da justiça, dos direitos humanos, dos direitos dos trabalhadores e dos indígenas, da dignidade dos pobres, da urgência de reformas profundas. A relevância da mensagem do Papa se mede, também, em confronto com as expectativas prévias por parte dos vários segmentos da sociedade. Setores ligados à situação esperavam que a visita do Papa tivesse uma função corretiva: reconduzir a Igreja a seu campo específico que é a gestão do sagrado, contra o que consideravam a politização indevida de significativo número de Bispos e Padres. Outros,

de ambientes eclesiásticos, queriam ver reforçada a dimensão espiritual e mística da Igreja. Outros, por fim, especialmente as parcelas mais comprometidas com a problemática social, aguardavam uma confirmação das grandes linhas pastorais da Conferência Nacional dos Bispos.

Sabemos que persistiam mal-entendidos entre Igreja e Estado, com referência à pastoral social dinamizada nos últimos 15 anos. O Concílio Vaticano II (1962 – 1965) devolveu à Igreja a consciência de que ele está no mundo e numa missão de serviço; por isso a comunidade cristã não pode alhear-se ao trabalho, à ciência, à técnica e à construção da cidade dos homens. Medellin (1968) e Puebla (1979) abriram o episcopado ao mundo da injustiça, do empobrecimento das grandes maiorias, dos direitos humanos. Daí emergiu uma evangelização libertadora, corporificada na opção preferencial, não exclusiva mas solidária, pelos pobres. A mensagem do Papa significou um ganhar altura para ver mais claro. Foi um imponente discurso sinfônico, que usou todos os registros e atendeu a altos e baixos para expressar o tom melódico que vem do Vaticano II, de Medellin e de Puebla. Dez temas, entre outros, articulam essa sinfonia.

1 – A presença do Papa, bem como da Igreja no Brasil, possui um caráter pastoral. Ao pastor cabe animar a esperança e confirmar na Fé, em primeiro lugar, e em seguida, “à luz da fé tornar possível uma sociedade mais justa e fraterna”. A perspectiva pastoral comporta, também, “uma nítida mensagem sobre o homem, seus valores, sua dignidade e sua convivência social”. Isso o Papa o repetiu em todas as modulações e em todos os lugares.



2 – A religião é fundamental para o homem e para a sociedade. Sua direção primeira é vertical, para Deus, apontado pela transcendência humana. O vertical se verga para o horizontal e se abre para o homem, imagem e semelhança de Deus. É no espaço da religião que a Igreja elabora sua identidade, a mística de sua ação e a ótica sob a qual contempla todas as coisas. A partir da fé, o Papa diz: “Não é vontade de Deus que seus filhos vivam uma vida subhumana”. A religião está na raiz de nossa cultura.

3 – O homem em sua transcendência, que funda a sua inviolabilidade e dignidade, constitui um eixo central de todos os pronunciamentos papais. Ele se fez paladino da defesa da dignidade dos pobres, dos índios, dos trabalhadores. Mesmo dentro da miséria o homem jamais perde sua dignidade.

4 – Uma sociedade justa e fraterna a ser construída foi a maior conclamação do Papa no Brasil em todos os discursos, até naqueles às crianças. Ele denunciou duramente a desumanização que vem pela carência da pobreza e pela superabundância do consumismo. A ambas se opõe uma sociedade justa e digna. O novo nome do bem comum é a justiça social, disse aos operários do Morumbi. Convoca a todos para “a nobre luta em prol da justiça social”. Sem ela a sociedade corre risco de ser destruída por dentro.

5 – O caminho para uma sociedade justa reside nas “reformas profundas e corajosas”, em grandes transformações das mentes, na sociedade e “no desenvolvimento solidário”. Para o Papa os atuais sistemas sociais e econômicos têm de ser superados e convoca a todos para uma nova criatividade humana e social. No dizer de um vaticinista, o Papa “tocou o samba da li-

bertação com o violão polonês", vale dizer: assumiu a temática da libertação, de Medellin, de Puebla e dos Bispos brasileiros, mas a partir da religião que é a grande força da Igreja polonesa. Ou se fazem tais reformas que produzirão a justiça social, ou esta virá pelas forças da violência, sem resultado duradouro. "Cada um deve fazer a sua escolha nesta hora histórica". O futuro depende da justiça social.

6 — O direito e o dever de uma pastoral social são fortemente enfatizados pelo Papa. A comunidade cristã distribui assim as atribuições na construção de uma sociedade justa: à hierarquia eclesiástica (incluídos os religiosos) não cabe uma militância político-partidária; a ela cumpre "tomar o partido da consciência, dos princípios da justiça", propor uma pastoral social, denunciar as injustiças. Aos leigos compete a luta no campo específico da política partidária, no trabalho concreto dos processos em mudança social. A uns e outros importa um compromisso especial com os pobres e fracos.

7 — Trabalhar juntos, todos, Estado, sociedade, ricos, pobres, Igreja. "Ultrapassar as fronteiras, as divisões, as oposições", na construção da sociedade justa. Eis um apelo constante do Papa. Deixa claro: "a Igreja não combate o poder" mas cobra-lhe o serviço do bem comum; aos ricos pede "assumir sem reserva e sem retorno a causa dos irmãos pobres"; os pobres devem ser "os primeiros autores da própria promoção humana". A justiça não está de um lado, mas à frente de todos e todos devem buscá-la.

8 — A opção preferencial e solidária pelos pobres é "uma opção cristã" e foi assimilada plenamente no discur-

so do Papa. Ele falou sempre a todos, a partir das exigências de dignidade dos pobres. Todos podem ser pobres em espírito, tanto os pobres reais, na medida em que conservam sua dignidade humana, quanto os ricos concretos, na medida em que se solidarizam com os pobres. O pobre não é só um carente, é também rico em força histórica.

9 — Não, à violência e à luta de classe, constituem um apelo que atravessa todos os pronunciamentos. A luta de classe não perfaz nenhum princípio de atuação social e a violência é eticamente condenável "porque é contra a vida e destruidora do homem".

10 — Por uma civilização do amor. "Só o amor salva, só o amor constrói", é uma frase corrente na boca do Papa. É um chamado à utopia de uma sociedade totalmente solidária. Só o amor é adequado à grandeza do homem.

Como se depreende, os pronunciamentos do Papa significam uma bem travejada articulação entre o discurso da religião e o discurso da sociedade. João Paulo II confirmou seus irmãos no episcopado em suas iniciativas de pastoral social. Ninguém mais poderá dizer que, ao defender os direitos dos posseiros, dos operários e dos índios, eles exorbitam de suas funções religiosas. Estão praticando a pastoral social. O Governo mais que criticado, é encorajado a prosseguir em sua abertura na direção de uma mais ampla participação de todos. As classes dominantes são convidadas a associar-se ao empenho dos pobres por sua libertação. E eles, os pobres, foram encorajados em suas lutas em prol da justiça. Mudaram os brasileiros. Temos agora mais esperança. Graças à visita de João Paulo II.



Roteiro para reuniões

FATO E RAZÃO prossegue, neste número, a publicação do te-

mário, iniciada no número anterior.

A primeira parte despertou forte interesse e muitos aguardam a sequência que aqui apresentamos.

No próximo número publicaremos a terceira e última unidade, esperando que este roteiro esteja sendo um apoio valioso para muitas equipes.

Quinta Reunião

Quando falamos de família, pensamos imediatamente em nossa própria família, no tipo familiar que nós vivemos. Não percebemos, talvez, que a palavra "família" é muito genérica: expressa um relacionamento básico entre homem e mulher, com sua consequência normal que são os filhos. Esse relacionamento pode ser vivido, no entanto, sob formas muito diversas, dando origem, assim, a tipos de família também muito diferentes.

Podemos situar os diversos tipos de famílias tomando, como ponto de referência, um fenômeno que as tem modificado muito na sociedade ocidental em geral e na sociedade brasileira em particular: o relacionamento entre homem e mulher.

Na família tradicional brasileira, a família patriarcal, esse relacionamento era vertical, impositivo, autoritário. O homem era o cabeça da família e dele dependiam, fundamentalmente, os outros membros: a mulher, os filhos e qualquer outra pessoa que estivesse agregada à família.

A estabilidade da família patriarcal fundamentava-se na estabilidade da autoridade paterna. Se esta existia, não importavam os fatos de ser o relacionamento marido-mulher distante e frio, e nem de existirem outras mulheres e outros filhos não legítimos.

Sendo a mulher um elemento secundário na constituição da sociedade, a vida familiar girava em torno do homem. As relações deste com o seu próprio pai, com o grupo familiar mais ex-

tenso e com a sociedade em geral eram consideradas como de maior importância do que a relação com a sua mulher.

O fruto, ou talvez o fundamento deste tipo de família, é o machismo, caracterizado pelo duplo código de moral: ao homem, tudo ou quase tudo é permitido em relação à esfera sexual; à mulher, nada ou quase nada é permitido; o próprio prazer sexual, vivido com seu marido, lhe é vedado, pois o prazer é permitido, apenas, às prostitutas.

Lemos, no entanto, no Gênesis:

"Disse o Senhor Deus: 'Não é bom que o homem esteja só. É preciso que eu lhe faça um auxílio que lhe seja adequado'".

... "O Senhor Deus fez uma mulher e a levou ao homem. E este exclamou: 'Eis o osso de meus ossos e a carne de minha carne! Ela será chamada mulher porque foi tirada do homem'".

É por isto que o homem deixa seu pai e sua mãe e se une à sua mulher e eles se tornam uma só carne". (Gen. 2,18-22 e 24).

Perguntas:

1. Comentário sobre o texto.
2. Valores da família patriarcal.
3. Deficiências desse tipo de família.
4. Existem hoje famílias do tipo patriarcal?

Para reflexão do casal a sós, após a reunião:

Será que existem ainda resquícios de família patriarcal em nossa vivência familiar?

Sexta Reunião

Como consequência, tanto do processo de industrialização e urbanização, quanto do processo de evolução cultural, a família patriarcal vai, aos poucos, cedendo lugar à "família nuclear" ou "família amical".

A descrição que se segue já considera esse tipo de família com todas as características que, parece, lhe são próprias, embora algumas delas sejam ainda mais um anseio do que uma realidade vivida.

Estamos vislumbrando um ideal que, certamente, ainda não existe em sua totalidade; a transição entre um ou outro tipo de família, como veremos na próxima reunião, não se faz de repente: existem condicionamentos e limitações humanas que não deixam abraçar facilmente o ideal vislumbrado.

Caracteriza-se o tipo de família nuclear como:

- família menor, desvinculada de parentescos mais distantes;
- família, fruto da corresponsabilidade do marido e da mulher.

São eles companheiros que vivem, pensam, planejam e trabalham em plano de paridade, mesmo tendo cada um funções específicas dentro do lar; — nesse tipo de família os filhos nascem, em geral, dentro de um planejamento familiar e as crianças tendem a ser consideradas como pessoas, portadoras de necessidades e direitos próprios; a educação é considerada, não como imposição de normas e princípios, mas como ajuda ao despertar da

vida pessoal, como auxílio ao processo de crescimento permanente, na busca da maturidade;

— nela o diálogo não tem, como função principal, dominar ou unificar perspectivas ou resolver conflitos; e sim, tornar claro o ponto de vista de cada um, bem como a possibilidade da existência de pontos de vista diferentes e incompletos enriquecerem e tornarem mais agradável e mais construtivo o ambiente familiar;

— nela, o tipo de relacionamento vertical e impositivo tende a desaparecer surgindo, em seu lugar, um tipo de relacionamento mais horizontal, mais fraternal, em que as perspectivas diferentes dos diversos membros da família, muitas vezes, "se defrontam, se confrontam, se afrontam" e em que "a diversidade não é considerada adversidade".

Perguntas:

1. Comentários sobre o texto.
2. Vantagens deste novo tipo de família.
3. Desvantagens deste novo tipo de família.

Para reflexão do casal, a sós, após a reunião:

Até que ponto nos temos realmente encontrado como pessoas, nos temos complementado e enriquecido, nas crises inevitáveis de nossa vida conjugal e familiar?

Até que ponto essas crises nos têm proporcionado maior possibilidade de crescimento em comum?

Sétima Reunião

Vimos ou vislumbramos, na reunião anterior, a família nuclear ou família amical.

Vamos partir, hoje, de um fato concreto: a família patriarcal desapareceu, ou está desaparecendo; a família amical é ainda uma perspectiva do futuro. Que tipo de família temos, então? Aquilo que os sociólogos chamam de "família de transição".

Nesse sentido de vivência familiar, embora continue o marido (o pai, o patriarca) sendo o único responsável pelos destinos de sua família, por sua função econômica e pelas decisões que lhe dizem respeito, a mulher e os filhos já são considerados como pessoas, sempre menores e relativamente incapazes, é certo e, por isto mesmo, sempre tutelados, mas já capazes de manter, com o chefe, um diálogo submisso e respeitoso, orientado por sua autoridade impositiva.

Nessa família de transição o inter-relacionamento pessoal (relacionamento de amor) é reconhecido e desejado, desde que não prejudique o relacionamento funcional que continua mantendo a primazia.

Embora mitigado, mantém-se ainda como aglutinador do grupo familiar, um tipo de relacionamento vertical e impositivo e é o pai quem resolve, em última instância, os possíveis conflitos ou desentendimentos criados por um diálogo incipiente.

O nascimento dos filhos, nesse tipo de família, já é mais espaçado com o uso de anti-concepcionais mas, em ge-

ral, não existe planejamento familiar propriamente dito.

Em geral, continua a existir, nesse tipo de família, o machismo revestido, algumas vezes, de características desumanas.

Perguntas:

1. Comentário sobre o texto apresentado:

Que pensam os casais mais antigos da família do tipo transição?

O que pensam dela os jovens? (Seria bom que, antes da reunião, cada casal entrevistasse alguns jovens e levasse consigo as respostas obtidas).

O que pensamos nós, desse tipo de família que acabamos de analisar?

Responde ele plenamente aos nossos anseios e às nossas necessidades?

2. Será que esse tipo de família é capaz de responder às necessidades do mundo de hoje e, sobretudo, do Brasil de hoje?

Para reflexão do casal, a sós, após a reunião:

O diálogo que existe em nosso lar (entre nós dois e entre nós e nossos filhos) permite que cada um possa crescer e amadurecer, no confronto com os outros? Como?

Oitava Reunião

Repete-se muitas vezes a frase: "A família é a célula básica da sociedade". E muitos acreditam que, formando (ou tendo) boas famílias, teremos uma boa sociedade. Teoricamente, parece ser assim, mas, na prática, percebemos que existe algo falho nesta afirmação.

De fato, o erro fundamental consiste em se considerar as famílias como formadoras da sociedade. Na realidade é a sociedade que, orientada por mutações políticas e econômicas, cria condicionamentos que solicitam determinado tipo de família. Em vista dessa solicitação, as famílias se constituem, procurando adaptar-se ao fenômeno da mutação social, por necessidade de sobrevivência.

A família patriarcal, por exemplo, era uma unidade social, econômica e política. Embora fosse, por um lado, pobre no aspecto do inter-relacionamento pessoal era, por outro, o tipo de família que uma sociedade rural e latifundiária precisava.

Quando a sociedade muda e se transforma em urbana e industrial esse tipo de família já não serve e, aos poucos, vai surgindo outro. A iniciativa da mudança do estilo familiar não parte das famílias. É a sociedade que muda e, como consequência, exige um novo estilo de vida familiar. A família nuclear surge, portanto, condicionada muito mais por necessidade das novas condições de vida urbana (falta de moradia, pequenos apartamentos, favelas, dificuldades de relacionamento mais amplo, etc.), do que por livre escolha dos próprios membros da família. Isto não impede, no entanto que, aceitando o novo estilo familiar, os casais possam descobrir e viver novos valores.

E hoje, os meios de comunicação, especialmente a TV, condicionam as famílias, colocando-as a serviço dos interesses "superiores" da sociedade, da

produção, do consumo e do lucro. Tudo isso nos mostra a necessidade de procurar dar, às famílias brasileiras, profundo senso crítico.

Dentro desse contexto geral, a limitação dos filhos é mais um "controle" (imposição direta ou indireta das condições de vida), de que uma "paternidade responsável" (livre e consciente escolha do casal).

Se é verdade que a sociedade condiciona e modela as famílias, podemos dizer que a problemática familiar é, antes de tudo, uma problemática social. Isto nos faz pensar que uma atitude que nos leva a preocupar-nos quase exclusivamente com a família (atitude familialista) é uma atitude estéril. A problemática social, política e econômica é, ou deve ser considerada como problemática fundamental de cada família e dos próprios grupos ou movimentos familiares.

Escutemos Paulo VI:

"A nossa finalidade é chamar a atenção para algumas questões que, pela sua urgência, pela sua amplitude, pela sua complexidade, devem estar no centro das preocupações dos cristãos (ou das famílias cristãs). . . a fim de que, juntamente com os outros homens eles se apliquem a resolver as novas dificuldades que põem em causa o próprio futuro do homem".

"Importa saber equacionar os problemas sociais, postos pela economia moderna — condições humanas de produção, equidade nas permutas de bens e na repartição das riquezas, significado

das aumentadas necessidades de consumo e compartilha das responsabilidades num contexto mais amplo, de civilização nova" (Octogésima Adventus, 7 — os grifos e o parêntese são nossos).

Tudo isso nos leva a perceber que "a experiência que nasce do matrimônio e dá origem à família é irremedavelmente provisória e relativa diante de exigências maiores e mais radicais que fazem parte das obrigações cristãs e que podem constituir-se como princípios explosivos de qualquer estrutura ou instituição.

Deixar o pai e a mãe, a casa e os filhos, por amor do Reino, converte-se, então, em instância indeclinável; e a própria estrutura familiar, por sólida que seja, deve abrir-se aos novos chamados que uma consciência atenta pode perceber. Isto significa que ela está constantemente chamada a renovar-se, a abrir-se, a deixar-se superar diante de metas espirituais e sociais mais elevadas". (Apuntes de Pastoral Familiar).

"Situa-se aqui o núcleo substancial das valorizações espirituais que o cristão deve usar para julgar qualquer imagem (ou estilo) de família.

E esse núcleo nos leva, em resumo, a uma atitude sabiamente crítica no julgamento de cada tipificação". (idem).

Perguntas:
1. Comentários sobre o texto apresentado.

2. Citar casos concretos que confirmem as afirmações nele contidas.
3. Como despertar as famílias de hoje para suas reais possibilidades e também suas reais limitações?

Como levá-las a assumir o papel de consciência crítica dentro de nossa sociedade de consumo?

Para reflexão do casal, após a reunião:

Estaremos, nós e nossos filhos, bastante maduros para nos podermos situar, dentro de nosso contexto social, como "consciência crítica"? Por que?

Nona Reunião

Em nossa sociedade existem três maneiras de se constituir família: amigar-se, casar-se diante da lei civil, casar-se na Igreja (ou no religioso).

Embora tradicionalmente em nosso país, o casamento de "amigado" seja sempre considerado de modo pejorativo, tanto pela sociedade quanto, e sobretudo, pela Igreja, isto não impede, no entanto, que o povo, em sua sabedoria, diga: "Amigado com fé, casado é".

Esse ditado parece indicar que existem razões diferentes para se optar pe-

la "amigação". De fato, essa forma de casamento pode ser escolhida:

— Por pessoas egoístas que não desejam assumir compromissos, ou que procuram aproveitar-se do parceiro e da situação criada; essas pessoas se amigam então, sem fé.

— Por pessoas que "têm fé", isto é, que acreditam em seu amor e na força de sua união e que pensam, então, que todo o resto, todas as exigências legais e religiosas são puras formalidades externas que interessam mais à sociedade do que a elas próprias.

— Por pessoas que, devido a circunstâncias vivenciais, (pobreza, marginalização, casamento contraído anteriormente) não têm possibilidade, não têm condições de efetuar novo casamento oficial, embora aceitem realmente assumir um comportamento "radical" com o novo parceiro.

O casamento civil, embora aceito, é considerado, em geral, como simples formalidade legal, necessária à normalização do novo estado perante a lei.

É curioso notar que mesmo aqueles que não têm fé, ou não a praticam, não conferem, a este tipo de casamento, valor intrínseco. Parece-nos no entanto que, por questão de lógica, ele deveria ser considerado válido e sufi-

ciente pelas pessoas a que nos acabamos de referir.

Em contrapartida, o casamento religioso é visto, em geral, como verdadeiro casamento, como o único casamento real. Poderíamos, no entanto, perguntar: Por que?

Parece que as causas dessa preferência não são, geralmente muito lógicas: tradição, festejos, critérios sociais, agradar os pais, sobretudo em se tratando das noivas.

Analizando, no entanto, essas três maneiras de se constituir família, podemos dizer que qualquer uma delas, isoladamente considerada, são incompletas, dando origem as que chamamos de "famílias incompletas".

A família resultante do casamento de amigados é incompleta, por lhe faltar a explicitação do aspecto social do amor que une homem e mulher — aquilo que Chico Buarque exprime, de modo tão rico, na sua "Valsinha": "Um dia ele chegou tão diferente do seu jeito de sempre chegar.

Olhou-a de um jeito muito mais quente
do sempre que costumava olhar.

E não maldisse a vida tanto quanto era o seu jeito de sempre falar.
E nem deixou-a só num canto
prá seu grande espanto

convidou-a prá dançar...
Então ela se fez bonita
como há muito tempo
não queria ousar
com seu vestido decotado
cheirando a guardado
de tanto esperar...
Depois os dois deram-se os braços
como há muito tempo
não se usava dar
e cheios de ternura e graça
foram para a praça
e começaram a se abraçar.
E aí dançaram tanta dança
que a vizinhança toda despertou
E foi tanta felicidade que toda a cida-
de se iluminou
E foram tantos beijos loucos
tantos gritos roucos como não se ouvia
mais
Que o mundo compreendeu
e o dia amanheceu
em paz...”
Amor que sai à praça e grita... Essa
necessidade do transbordamento é algo
natural ao amor e enriquece a própria
sociedade. E então a praça se ilumina
o dia amanhece em paz.

Embora incompleto e sempre con-
siderado de modo pejorativo, o casamento
dos amigados possui uma essên-
cia — o amor — que é a base funda-
mental de qualquer outro tipo de casamento.
E é nesse amor, nessa amizade
mútua (a própria palavra “amigados”
já o diz) que se situa fundamentalmen-
te o valor, e a estabilidade de qualquer
casamento, e não em leis ou em quais-
quer formalidades exteriores.

Para aqueles que não têm fé, o casamento
civil, além de situar os cônjuges como casal, dentro da sociedade,
deverá ser, de modo especial, a mani-
festação oficial do amor que os une.

E o casamento religioso é a manifes-
tação social e eclesial do amor de dois

cristãos. Por vontade de Deus, esse casamento adquire valor de sinal real e eficaz da presença do seu Amor no mundo. Chama-se, por isso, “aliança”. A aliança de Deus com seu povo se realiza historicamente através de Jesus, o Filho de Deus feito homem.

Tudo isso nos leva a perceber, então, que só pode existir, de verdade, sacramento do matrimônio, quando um “casamento de amigados” (casamento fundamentado no amor) é vivido com fé e se abre, como consequência, à comunidade cristã.

O resto — ritos, festas, bençãos — são coisas accidentais. Se não existe amor entre os nubentes, ou se eles não têm vivência eclesial, fruto da fé, tudo isso não passa de ilusão.

E, para terminar, situadas fora do âmbito das situações que vimos até aqui, existe ainda outro tipo de famílias incompletas: são aquelas que, por algum motivo, perderam um ou alguns de seus membros: pai, mãe, filhos.

Perguntas:

1. Comentários sobre o texto.
2. Podemos considerar “famílias completas” qualquer família, pelo simples fato de ser ela decorrente do casamento civil e religioso dos cônjuges?
3. Atitudes que devemos ter com as famílias incompletas.

Para reflexão do casal, após a reunião:
Será nossa família completa? Onde se situará sua incompletude fundamental? Que podemos fazer, os dois, para tornar, mais completa, nossa família?

2º PATAMAR: UM DIA DE REFLEXÃO

Haverá um modelo cristão de famí-
lia?

1ª Palestra

Analizando a evolução pela qual
vêm passando as famílias brasileiras,

podemos constatar que a família é, antes de tudo, uma realidade terrestre, dependente do contexto histórico, cultural e religioso, nos quais está radicada. As evoluções desse contexto mais amplo repercutem nas famílias, provocando nelas um esforço de adaptação às novas situações que surgem.

Já que a fé não carrega consigo nenhuma imposição do tipo ideológico ou cultural em relação ao fato “família”, oferecem-se, às famílias concretas, diversas possibilidades de estruturação e de vivência familiares.

A fé cristã coloca, no entanto, como eixo fundamental de qualquer estilo de vida, um conjunto de valores sob os quais, não apenas a família, mas qualquer outra experiência vivencial pode e deve ser analisada, criticada e situada.

Diante desses valores propostos pela fé à vivência do cristão, qualquer tentativa de concretizá-los é sempre pobre, limitada e contestável. Nenhuma delas os esgota, pois eles transcendem qualquer possibilidade de atualização histórica concreta. E nenhum tipo ou modelo de família se pode considerar em posição privilegiada — como se fosse, em determinado momento, o tipo de família cristã.

É importante notar ainda que a fé não considera a experiência familiar de modo exclusivo: coloca-a ao contrário, ao lado de outras experiências humanas exigindo apenas que ela como as outras “se caracterize como uma experiência de caridade”, isto é, como “expressão da livre decisão pelo amor e para o amor que representa, segundo a visão de fé, a realidade mais fundamental do homem redimido, o valor nuclear de sua existência moral”.

Isto é muito importante, pois significa que “a instituição familiar, em to-

da a sua concreta transitoriedade, é julgada pela fé de acordo com a capacidade que tem de fazer emergir o amor — (ou seja, o viver para os outros) tanto nas relações que lhe dão origem, quanto nas que nascem dela”.

Baseados nessa exigência central da fé, tanto podemos optar pela família patriarcal, com suas possibilidades de vastas relações da socialização, quanto pela família nuclear que parece favorecer o amor íntimo e pessoal dos cônjuges — contanto que, dentro do contexto em que cada uma delas esteja radicada,

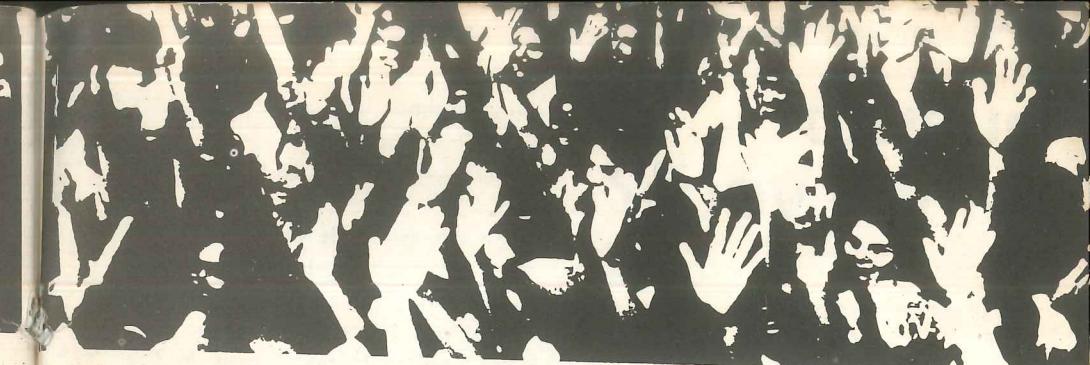
— ambas se coloquem a serviço da caridade,
— ambas sejam capazes de descobrir, no contexto que é o seu, as exigências concretas e vivenciais de caridade que assume, em cada época e cultura “voz nova e exigências novas”.

É este o núcleo central, proposto pela fé e é diante dele que deverá ser analisado e criticado qualquer estilo de vivência familiar. Sem sugerir modelos preferenciais ou esquemas institucionais que delimitem a matéria, ele nos leva, apenas, a uma atitude sadia-
mente crítica, diante de qualquer tipifi-
cação familiar.

(As citações são de “La familia nuclear y la propuesta de nuevos modelos”. Dicionário Enclopédico de Teología Moral, publicado em “Apuntes de pastoral familiar”).

Perguntas para os grupos de trabalho:

- Entre os diversos tipos de família, anteriormente analisados, algum pode ser proposto como “o modelo cristão de família?” Por que?
- Entre os diversos tipos de famílias, estará algum excluído da vocação de



"fazer emergir o amor" ou de propiciar a vivência orientada para o outro ou para os outros? Por que?

— Como pode a nossa família, hoje, "fazer emergir o amor" de modo concreto (dentro do ambiente familiar e no ambiente da comunidade mais ampla?).

2ª Palestra

A 1ª palestra nos abre caminho para um aprofundamento de reflexão. Procuraremos agora analisar o modelo da família nuclear — família que começa agora a estruturar-se procurando descobrir suas possibilidades e suas limitações para "fazer emergir o amor".

Essa análise e essa crítica exigem que, em 1º lugar, situemos realista-mente a família nuclear no contexto que é o seu, hoje:

— a família nuclear surgiu como exigência da revolução industrial e do processo de urbanização a ele correlato;

— o desdobramento das antigas famílias patriarcais e extensas em pequenas famílias nucleares facilita ao estado exercer sobre elas seu domínio, colocando-as à serviço da sociedade de consumo — e sobretudo, a serviço do mercado interno, como estímulo à produção;

— a atomização da família sobrecarrega os cônjuges com problemas pessoais e educacionais absorventes e numerosos. O acúmulo desses problemas

domésticos esmaga os casais exigindo, ao mesmo tempo, uma inofensiva investida de energias que, não usadas assim, poderiam dirigir-se contra o sistema.

Todos esses fatores fazem com que o tipo de família nuclear seja considerado como "funcional" dentro dos processos de industrialização e de urbanização.

Agora que situamos a família nuclear dentro de seu contexto, teremos que tentar analisar o amor romântico-burguês que lhe serve de alicerce — e tentar ver até que ponto esse tipo de amor propicia verdadeiramente ocasiões e possibilidades de vivência para o outro (e para os outros).

Perguntas para os grupos de trabalho:

— Até que ponto poderão nossas famílias libertar-se dos condicionamentos que as colocam como meras servidoras da sociedade de consumo? Como fazer isto?

— Até que ponto poderemos aceitar as imposições dessa sociedade de consumo?

— Serão nossas famílias focos que despertam para a doação, para a oblatividade, para o "viver" para os outros", — dentro do ambiente familiar?

— dentro da comunidade em que está radicada?

— Até que ponto grupos como esses poderão ajudar as famílias nessa missão que é a sua?

3ª Palestra

Referindo-se à situação da América Latina os Documentos de Medellin nos fazem compreender que hoje, em nosso continente, as famílias cristãs têm a missão de

formar pessoas

educá-los na fé e

participar do processo de desenvolvimento de sua comunidade ou de seu povo, através de seus membros.

Essa tríplice missão da família cristã na América Latina de hoje supõe que ela seja capaz de participar, com consciência crítica, do atual processo de evolução cultural e seja capaz de assumir a problemática de seu tempo e de seu país. Seria impossível a uma família desvinculada dos problemas da comunidade mais ampla, formar pessoas capazes de perceber, com clarividência e discernimento, sua vocação de

— "construir um mundo mais de acordo com a dignidade eminente do homem";

— colocar-se a serviço da criação de uma autêntica fraternidade entre os homens e

— corresponder "sob o impulso do amor, com esforço generoso e comunitário, às exigências urgentes de nossa época; (G. 9.91),

— pessoas, enfim, capazes de analisar, criticar e, eventualmente comprometer-se com o processo de desenvolvimento de seu país e de seu continen-

te, como exigência de uma fé consciente e adulta.

Perguntas para os grupos de trabalho:

— Diz "Gaudium et Spes" que os cônjuges deverão participar ativamente na imprescindível renovação cultural, psicológica e social em favor da família. Como poderemos fazer isto?

Será que já o estamos fazendo?

— Diz ainda "Gaudium et Spes" que, nesse trabalho, precisamos saber "discernir as coisas eternas de suas formas mutáveis". Onde se situam, nos diversos tipos de família, as "coisas eternas" (o que não pode ser mudado) e as "formas mutáveis" (condicionamentos terrestres que mudam de acordo com as épocas e as culturas)?

— Segundo "Gaudium et Spes" as famílias deverão corresponder "sob o impulso do amor, com esforço generoso e comunitário, às exigências urgentes de nossa época".

Que exigências serão essas?

Como fazer isto?

— De acordo com os Documentos de Medellin as famílias deverão trabalhar para que o processo de desenvolvimento de seu país se coloque a serviço dos valores e dos direitos fundamentais de hoje.

Que valores e que direitos serão esses? Como poderemos fazer isto hoje, no Brasil?

quanto ganha você?



Se você gosta de se queixar do seu reduzido salário, cuidado! Observe quem está por perto, ouvindo as suas comoventes lamentações.

Você corre o risco de passar vergonha... e descobrir, espantado, que é um privilegiado sem desconfiar.

Sim, sabemos disso: o que você ganha não dá para as despesas que crescem dia-a-dia. Já ouvimos essa história...

Mas vamos ver se você está atualizado com o quadro de salários que recebem os brasileiros.

Não! Não vamos inventar números para machucar, sadicamente, a sua consciência. A nossa ficaria doendo...

Este panorama que lhe vamos apresentar foi cuidadosamente apurado pelo IBGE que, como você sabe, é o Instituto oficial do Governo brasileiro em assuntos de pesquisas e estatísticas.

Vamos lá. Comece dividindo o seu salário pelo valor do salário-mínimo. Assim, você fica sabendo quantos sa-

lários-mínimos lhe pagam pelo seu simpático trabalho.

Será que são mais de 5 salários-mínimos?

Se for assim, dê pulos de alegria! Você tem muita sorte: 90% dos brasileiros ganham menos do que você!...

Ah! mas talvez não seja esse o seu caso. Você ganha pouco mais de 2 salários-mínimos! Não dá para nada, resmunga você três vezes ao dia...

Ora, não chore de barriga cheia: 71% dos brasileiros ganham menos que você. Não acredita? Lamentamos, mas é a pura e macabra verdade.

Agora é a sua vez, caro Severino: você é daqueles que ganham um pouco mais de 1 salário-mínimo e sonham chegar, um dia, aos 2 salários-mínimos. Não desanime. Você chegará lá. Mas não se queixe demais: 46% dos brasileiros ganham menos que você!

“Não é possível” — espanta-se você, honestamente, ao ler esta revista que lhe emprestaram. Porque você não poderia comprá-la, naturalmente...

Controle a sua desconfiança, Severino!

Você não pode duvidar das estatísticas do Governo. Ele gastou muito dinheiro na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD).

Coisa de profissionais, muito bem feita.

Acaba de ser publicado o resultado.

ACEITAMOS o seu espanto: “ninguém pode viver como gente, com salários assim!” — diz você aflito.

É, Severino...

Mas quem lhe disse que estão vivendo como gente?

Ou, mesmo, simplesmente vivendo?

Você é um homem de sorte, Severino!

Parabéns.

S. & H.A.



doce de leite CCPL

Se já era delicioso o Doce de Leite CCPL imagine como ficou agora, ao se adicionar coco, chocolate e amendoim.

Elaborado de leite pasteurizado, sempre cremoso e fresco o doce de leite CCPL é um alimento saudável, rico em vitaminas e proteínas.

UM PRODUTO
CCPL

COOPERATIVA CENTRAL DOS PRODUTORES DE LEITE LTDA.

uma delícia de sabores...